

Revista da
Reitoria
da Universidade
de Coimbra

Número 25
Trimestral
Julho
2009

www.uc.pt/rualarga
rualarga@ci.uc.pt



RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra
DIRECTOR Fernando Seabra Santos
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha
EDITORES Marta Poiars e Pedro Dias da Silva
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro
INFOGRAFIA Maria João Freitas e Sérgio Brito
[GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade]
PRODUÇÃO Isabel Terra, Lúcia Ferreira e Luísa Lopes
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira
EDIÇÃO GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
IMPRESSÃO Litografia Coimbra, S.A.
TIRAGEM 3.200 ex.
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS
CAPA Centro Interpretativo do Sítio Arqueológico de Santa Clara-a-Velha
www.uc.pt/rua1arga
Tel. 239 859 823
PONTOS DE VENDA
Quarteto, XM, Livraria/Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • Fernando Seabra Santos • 4

REITORIA EM MOVIMENTO

O processo de reorganização das estruturas de governo da UC • António José Avelãs Nunes • 7
O Sistema de Gestão da Qualidade Pedagógica da UC • Pedro Nogueira Ramos • 9

OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

Exposição “DARWIN 150 / 200” no Museu da Ciência • Paulo Gama Mota • 12
O ressurgimento de Santa Clara-a-Velha • José António Bandeirinha • 14
Os Livros Ardem Mal [OLAM] • 20

IMPRESSÕES

Associação cultural IC-ZERO • Paulo Côrte-Real • 22
Oficina de Artes • A Escola da Noite • 25
Rádio Universidade de Coimbra - 23 anos • Alexandre Lemos • 27
Grupo de Expressão Dramática InterDito • Ricardo Agnes • 29
(Re)pensar a edição e o acesso público às revistas universitárias • Jorge Pais de Sousa • 31

BREVES

Projecto de conservação da Via Latina Premiado • 34
Colóquio “2009: (Re)pensar a Europa” • 34
Rocha Lunar no Museu da Ciência • 34
I Encontro de Jovens Investigadores do CEIS20 • 35

RIBALTA

Vista inédita de Coimbra • António Filipe Pimentel • 36
FATAL 2009: Paulo Quintela, TEUC, CITAC e GEFAC • Pedro Dias da Silva • 38

CIÊNCIA REFLECTIDA

Duas novas espécies de aranhas • Luís Crespo • 40

AO LARGO

ENTREVISTA

Artur Santos Silva • Marta Poiares e Pedro Dias da Silva • 43

LUGAR DOS LIVROS

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Luís Quintais • Marta Poiares • 52

CRÓNICA

Paranóia • Manuel Quartilho • 55

ESPAÇO DAS ESCOLAS

Peso e Medida - Residência universitária no Pólo das Ciências da Saúde da UC • Paulo Providência • 60

TEMAS

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

AAC: Um ano de vitórias • João Miranda • 67
Futsal da Académica no Europeu de Montenegro • Catarina Silva • 69
Europeu de Tênis universitário • Eduardo Cabrita • 71
Pódio na Liga Portuguesa de Basquetebol • Andreia Silva • 72

Uma semana que celebra a Universidade, uma semana que celebra a cultura

Fernando Seabra Santos *

Para comemorar mais um ano decorrido sobre a *Carta Scientiae Thesaurus Mirabilis*, assinada a 1 de Março de 1290, em Leiria, pelo Rei e poeta D. Dinis, a Universidade de Coimbra realizou a sua XI Semana Cultural.

Iniciado em 1998, este modo de celebração foi pensado como oferta cultural capaz de potenciar a abertura das portas da Universidade, tornando assim mais atractiva e motivadora a concretização de uma visita, através de um cruzamento entre actividades inerentes à vida académica e olhares exteriores.

De então para cá, as sucessivas semanas culturais têm vindo a tornar-se mais intensas, mais ricas e diversificadas. De ano para ano, a programação cultural, sempre enquadrada por uma temática previamente estabelecida, tem adquirido consistência, tem aberto o seu âmbito de acção, tem conquistado públicos, tem — tarefa árdua e exigente — honrado a instituição que celebra. Em consequência, é a própria iniciativa que se vem afirmando anualmente como um marco de importância considerável na agenda cultural da cidade, da região e mesmo do país.

Na celebração do 719º aniversário daquele documento fundador, entre os dias 28 de Fevereiro e 9 de Março, realizou-se a *XI Semana Cultural da Universidade de Coimbra* que teve como intuito reflectir sobre o significado da *Velocidade* e do *Movimento* no mundo contemporâneo. Convocou para o efeito três outras efemérides, o bicentenário do nascimento de Charles Darwin, o centenário do Manifesto Futurista de Filippo Tommaso Marinetti, e as quatro décadas do movimento estudantil de 1969. Desse modo, foi a comunidade universitária convidada a inscrever as suas propostas culturais num alargado âmbito temático que lhe era sugerido por este mote em tríptico. As respostas foram múltiplas, variadas, entusiásticas e, sobretudo, competentes. Como também já tem vindo a ser habitual, essas respostas da comunidade universitária foram enquadradas e ampliadas por uma programação cultural de índole exterior, profissionalizada e integrada em circuitos de oferta

nacionais e internacionais. Consegue-se, assim, potenciar mutuamente dois tipos de iniciativas, as inerentes à própria actividade universitária e outras, de âmbito cultural mais vasto. É esse cruzamento que fecunda grande parte do êxito da *Semana Cultural*. Na totalidade, realizaram-se mais de uma centena de eventos culturais — 41 espectáculos diversos, 16 exposições e instalações, 3 mostras cinematográficas, 14 colóquios e conferências, 5 certames desportivos, 16 oficinas e ateliês, entre muitas outras actividades. Estiveram envolvidas, entre artistas, intervenientes e organizadores, cerca de sete centenas de pessoas e o público cifrou-se, também no total, em cerca de cinco mil.

As sementes que ficam de uma tal celebração, porém, vão muito para além destes números, têm efeitos salutarmente incalculáveis no quotidiano da actividade académica, constituem o húmus da vida escolar e reproduzem-se na tensão urbana da cidade que acolhe a Universidade.

Universidade e Cultura consubstanciam sempre uma frente complementar, embora contextualmente diversa, para encarar a realidade, para compreender a nossa condição contemporânea. Mantêm entre si um vínculo vital, que preserva a Universidade do contínuo fluxo de condicionamentos a que se encontra sujeita e projecta a Cultura para além dos espartilhos da circunstância mercantil.

Não podem, por essa razão, deixar de estar em plena e permanente interacção, uma não pode deixar de estar presente quando se celebra a essência ontológica da outra. Não existe outro modo de a Universidade de Coimbra comemorar a sua própria instituição, senão através de uma grande, activa e participada realização cultural.

* *Reitor da Universidade de Coimbra*

Reitoria em Movimento



Vida nova, mas difícil

António José Avelãs Nunes *

Chegou ao fim o processo de reorganização das estruturas de governo da Universidade de Coimbra e das suas unidades orgânicas, na sequência da entrada em vigor do novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior.

A Universidade deu a conhecer em devido tempo as suas críticas a algumas das soluções consagradas na nova lei, nomeadamente através de tomadas de posição por parte do Reitor e do Senado. Não é altura de insistir neste aspecto, embora se lamente o retrocesso registado no plano da gestão democrática e participada, da autonomia da Universidade e do processo de “eleição” do Reitor.

Estes aspectos negativos vêm acentuados no ambiente de asfixia financeira a que, de forma sistemática, estão sujeitas as Universidades públicas, numa conjuntura em que se impunha, ao invés, o reforço dos recursos financeiros ao seu dispor, para corresponder às exigências decorrentes do Processo de Bolonha e da própria reorganização das estruturas de governo.

O objectivo desta nota é, porém, a apreciação do modo como a Universidade encarou esta tarefa (pesada e exigente) de elaborar os Estatutos das várias unidades orgânicas.

Tive o privilégio de acompanhar de perto todo o processo e creio, por isso, estar em condições de tentar fazer um balanço.

E é um balanço positivo o que faço. Em primeiro lugar, houve uma boa mobilização, em todas as Faculdades, à volta desta questão, que não foi indiferente mesmo àqueles que não integravam as assembleias

estatutárias. E estas trabalharam com eficiência e com boa e empenhada participação dos três corpos nelas representados: professores, estudantes e trabalhadores não docentes. A participação democrática na vida da Escola marcou pontos, mais uma vez. E os resultados merecem aplauso.

Na nossa Universidade, as Faculdades têm, historicamente, uma presença forte e uma identidade cultural própria. E esta marca esteve presente em todo este processo. Mas creio que nele esteve presente também, de modo relevante, a consciência de que todas as unidades orgânicas integram a Universidade e devem estar ao serviço da estratégia global desta e da sua afirmação no plano científico, no plano pedagógico, no plano cultural, no plano das relações internacionais, no plano da gestão financeira, da gestão do pessoal, da gestão dos espaços. Quero acreditar que a Universidade de Coimbra saiu reforçada deste processo.

Esta confiança radica também da apreciação que faço do modo como decorreu o diálogo que conduziu à homologação pelo Reitor dos Estatutos de cada uma das unidades orgânicas. Foi um diálogo sério e aberto, que evidenciou, da parte de todos os que nele participaram, um elevado sentido de responsabilidade.

Iniciados já os processos eleitorais nas várias Faculdades para escolher os membros das Assembleias da Faculdade, dos Conselhos Científicos e dos Conselhos Pedagógicos, em breve começarão a ser eleitos os Directores de cada uma das Faculdades.

Todos temos consciência das dificuldades que nos

esperam neste período de transição, que tem de ser um período de aprendizagem, no que toca à compreensão da esfera de responsabilidade de cada um dos órgãos de governo ao nível das Faculdades e ao nível da Universidade. Neste último plano, é particularmente importante, a meu ver, a leitura que se faça acerca das competências (ou das responsabilidades) do Reitor e da relação deste órgão de governo da Universidade com o Conselho Geral, com o Senado, com o Conselho de Gestão e com cada uma das unidades orgânicas. Não se adivinha uma tarefa fácil. É preciso que todos a encarem com espírito aberto, com sentido de responsabilidade, com humildade e vontade de acertar.

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra



O Sistema de Gestão da Qualidade Pedagógica da Universidade de Coimbra

Pedro Nogueira Ramos *

Ensinar é o objectivo primeiro dos universitários. Claro que há outros, que lhe são adjacentes, até porque só pode bem ensinar, quem é capaz de aprender, gerar e acumular conhecimento. Mas parece incontornável que no próprio cerne da ideia de universidade está a necessidade de transmitir o conhecimento. Infelizmente nem todos nós professores – apesar de nos orgulharmos de ser tratados desse modo – temos sabido dar suficiente importância a essa missão. Por outro lado, no plano social é preciso reconhecer que o país não pode prescindir do papel formativo das universidades. Quando o conhecimento é erigido no nosso mais valioso património, como pode a sociedade subestimar a instituição que historicamente mais terá contribuído para a sua acumulação, e difusão? Porque numa sociedade democrática o conhecimento não é de alguns, mas um activo colectivo, como podemos eximir-nos à sua partilha?

Aponta este intróito para a importância da relação pedagógica. Os jovens demandam as universidades porque reconhecem a imprescindibilidade duma formação. A universidade não pode negar-lha, nem subestimar a importância da sua qualidade. É por estas razões que a Universidade de Coimbra (UC) reconhece a necessidade de um Sistema de Gestão da Qualidade Pedagógica (SGQP). É claro que não é primeira vez que a UC se auto-avalia e, se oportu-

no, se autocritica. Mas esta iniciativa de avaliação da qualidade está especificamente centrada na relação pedagógica. Ao mesmo tempo, propõe-se abarcar de forma homogénea toda a universidade (1.º e 2.º ciclos) na mesma bitola, confrontar processos, iniciativas e resultados, em todas as unidades curriculares, cursos, faculdades, e na UC no seu todo.

O SGQP é antes de mais um sistema de diagnóstico do estado pedagógico da UC. Compõe-se dum conjunto de indicadores, por um lado, da monitorização de um conjunto de actividades e procedimentos, por outro. O objectivo é, é claro, traçar o retrato da qualidade do serviço formativo prestado pela UC à comunidade, aos jovens que nela depositaram a sua confiança e expectativas num futuro realizado e bem sucedido.

Não falamos nestas linhas, porém, do SGQP no seu todo. A ambição é menor. Centramo-nos sobre os Inquéritos que o sistema desenhou para os actores que se envolvem na relação pedagógica – Alunos e Docentes –, e que serão uma das fontes privilegiadas de produção de indicadores. O SGQP prevê ainda inquéritos dirigidos a ex-alunos, mas deixemos estes para uma segunda oportunidade. Os Inquéritos a Alunos e Docentes da UC estarão disponíveis na Internet – via WoC – ainda neste ano lectivo, para serem preenchidos em referência ao 2.º semestre, e têm uma natureza obrigatória para

ambos os papéis da referida relação pedagógica. Um primeiro ponto que importa sublinhar é que estes Inquéritos não pretendem ser mais que um espelho sistematizado da *opinião* dos intervenientes, livremente expressa. Não traçam veredictos *beyond any doubt* do mérito da relação pedagógica. Não carecem de prova fundamentada. São mesmo e só a expressão da opinião de cada um, subjectiva por natureza. É este de resto o fundamento das nossas sociedades democráticas: todo o voto conta por igual; e o voto não requer prova, não é certeza mas meramente opinião. Mas porque os Inquéritos a Alunos e a Docentes são meramente uma manifestação de opinião, só se tornam úteis quando são capazes de reunir um número significativo de respostas; quando da opinião de cada um – eventualmente excêntrica – se é capaz de inferir o senso comum, a opinião pública cuja força tanto prezamos nos nossos dias. Isto suscita a questão da obrigatoriedade da resposta aos Inquéritos, que foi controversa na concepção do SGQP.

Porque são, pois, os Inquéritos a Alunos e Docentes da UC obrigatórios, no seio do SGQP? Em primeiro lugar porque são uma responsabilidade e não um usufruto, e é obrigação de cada um enfrentar as suas responsabilidades. Salvaguardar a universidade, a sua missão, a sua eficácia, o seu bom nome, é nossa responsabilidade. Mas reconheça-se que na vida não somos obrigados (exogenamente) a cumprir todas as nossas obrigações. O declarar obrigatórios os Inquéritos do SGQP é antes de mais uma questão de pragmatismo. O problema começa por ser que os Inquéritos não são levados aos inquiridos, distribuídos nas aulas ou remetidos aos gabinetes dos docentes, situações em que cada um naturalmente responderia sem particular renitên-

cia. Ao contrário têm de ser os inquiridos a buscá-los, porque para tirar partido das facilidades tecnológicas os inquéritos foram colocados on-line. Há, é claro, nestas circunstâncias um natural convite à comodidade, que tem de ser contrariado de forma activa. O incentivo à abstenção é ainda reforçado pela saturação que todos sentimos face à multidão de inquéritos, a maioria de interesse privado e não público, a que somos pressionados a responder, na rua, pelo telefone, pela cascata de e-mails classificáveis como SPAM. Por fim, é claro, o SGQP necessita de conquistar a sua reputação. Se com ela tivesse sido abençoado à nascença, poderíamos prescindir de Inquéritos obrigatórios, porque todos se afadariam para lhes responder. Mas a situação não é essa. A universidade cometeu alguns erros no plano pedagógico – todos o reconhecemos –, pelo que a utilidade dos Inquéritos não é uma evidência. Vamos ter de demonstrar o contrário, mas só o poderemos fazer se os Inquéritos forem respondidos.

A obrigatoriedade porém não resolve tudo. O mecanismo que força esta natureza obrigatória funciona de forma retardada, e se nos limitarmos a confiar no “pau”, sem oferecer a “cenoura”, obteremos demasiadas respostas tardias, quando a verdadeira qualidade da relação pedagógica já se diluiu na memória. Há que aliciar, persuadir, convencer, pedir se necessário for. E todos os protagonistas na vida universitária têm de se empenhar neste processo. O único propósito deste artigo é ser peça desse processo. Peço-vos, pois, simplesmente: Respondam. Obrigado pela vossa participação.

* Pró-Reitor da Universidade de Coimbra

24 25



UE



OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

IMPRESSÕES

BREVES

RIBALTA

CIÊNCIA REFLECTIDA

Darwin 150 / 200

Paulo Gama Mota *

Darwin foi um dos mais importantes e influentes cientistas de todos os tempos. A ele se deve a formulação de uma teoria de evolução que permite explicar a diversidade dos seres vivos que habitaram e habitam a Terra, bem como a proposta de um mecanismo que explica como essa evolução se processa. O que conhecemos hoje sobre a biologia dos seres vivos só é compreensível com base no princípio da evolução.

A teoria da evolução de Darwin revolucionou completamente o nosso pensamento sobre a natureza viva, ao mostrar que a combinação de certos mecanismos simples, como a mutação e a selecção natural, presentes na natureza, pode explicar as características dos seres vivos. De facto, a teoria da selecção natural forneceu uma explicação natural e mecanicista para a aparente perfeição dos vários órgãos e formas dos organismos. A pergunta “porque” não tinha antes uma resposta convincente. Porque têm os vertebrados olhos só com uma lente, e os insectos com muitas? Porque são as flores coloridas? Porque têm barbatanas os tubarões e os golfinhos? A teoria evolutiva forneceu não só respostas, como possibilitou encontrar respostas para novas questões que foram surgindo.

Comemoram-se em 2009 duzentos anos sobre o seu nascimento e 150 anos sobre a publicação da sua obra mais importante e influente: *A origem das espécies*. O Museu da Ciência junta-se à comunidade científica da Universidade de Coimbra, do país, e do resto do mundo, para comemorar o contributo fundamental deste naturalista vitoriano, cujo pensa-

mento mudou completamente a nossa visão sobre a vida e sobre a nossa posição na natureza.

A exposição

Patente no Museu da Ciência até ao final de Dezembro de 2009, a exposição *Darwin 150 / 200* tira partido do acervo científico da Universidade de Coimbra para construir uma belíssima exposição sobre a grande revolução científica que Darwin desencadeou.

Darwin nasceu a 12 de Fevereiro de 1809 numa família abastada inglesa. Desde pequeno revelou um interesse particular pela natureza e por coleccionar insectos.

Filho e neto de médicos, começou por estudar medicina em Edimburgo. Aos 21 foi convidado para uma longa viagem à volta do mundo, de dois anos, que acabou por durar seis, como naturalista a bordo. Durante seis anos, descobriu novas paisagens, deu novas espécies a conhecer à ciência e alterou por completo o seu e o nosso pensamento sobre a natureza da vida. A sua enorme curiosidade e tendência para teorizar e construir sínteses foram fundamentais no trabalho subsequente à longa viagem do Beagle. A Patagónia, o contacto com a vastidão dos seus espaços e o convívio com os gaúchos, as descobertas de fósseis, mas também de uma fauna completamente diferente, foi um dos locais que mais marcou Darwin para toda a vida.

Depois de regressar da viagem, já em Londres, empenhou-se no tratamento do material que recolheu e no desenvolvimento de novas ideias. Ao reflectir

sobre a variedade de espécies de aves e tartarugas que encontrou nas Galápagos, com ligeiras variações entre ilhas, Darwin escreve estas palavras que se tornaram famosas: “Em cada ilha é encontrado um tipo exclusivo (...). Se houver o mais pequeno fundamento para estas observações, vale a pena observar a zoologia dos arquipélagos; pois estes factos poriam em causa a estabilidade das espécies”. A exposição procura ajudar a reflectir sobre quem foi Darwin, em que ambiente viveu e que faunas, floras e geologias teve oportunidade de conhecer, recorrendo a objectos diversos - entre os quais uma preguiça recolhida por Alexandre Rodrigues Ferreira mais de 50 anos antes - e dispositivos multimédia. Um objectivo central para Darwin, além de demonstrar a ocorrência de evolução, era encontrar um mecanismo que explicasse como se apresentam os organismos tão bem adaptados ao seu modo de vida, sem precisar de recorrer à ideia de um desenho ou conceito prévio, sem uma intervenção exterior, que lhe pareceram completamente sem sentido. A exposição explora exemplos de adaptações como os bicos das aves, a evolução das barbatanas, ou do mimetismo em insectos, como ilustrativos do processo evolutivo que conduz à adaptação dos organismos. O Homem sempre foi considerado um caso à parte na natureza. A teoria de Darwin coloca-nos junto dos restantes seres vivos. A nossa espécie evoluiu a partir de antepassados que são comuns a outras espécies actualmente existentes. Os chimpanzés, os nossos parentes vivos mais próximos, partilham connosco um antepassado que viveu, em África, há menos de sete milhões de anos – apenas 350 mil gerações. A colocação da origem do Homem no seio da natureza tem sido a maior fonte de resistência e controvérsia em torno da evolução e que mais tem mobilizado formas de dogmatismo e fundamentalismo religioso. Mas, a descoberta de um crescente número de fósseis e o uso de técnicas moleculares tem permitido uma reconstituição cada vez mais detalhada da nossa evolução. A origem da nossa

espécie é hoje um facto incontornável da ciência. Contrariamente ao que alguns afirmam, é possível observar a evolução. Recorrendo a exemplos como a recente evolução da multi-resistência aos antibióticos pelo bacilo de Koch, mostra-se que a evolução não só é um fenómeno permanente, como é absolutamente essencial que a compreendamos para sabermos responder perante a rápida evolução de alguns parasitas que têm provocado muitas perdas de vidas ao longo da história.



Como afirmou o grande evolucionista Theodozius Dobzhansky nada em biologia faz sentido sem ser à luz da evolução. O facto de as espécies terem evoluído a partir de um pequeno número de formas surgidas na Terra há mais de três mil milhões de anos, é actualmente incontroverso e documentado por uma imensidão de evidências.

* Director do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

O que acontece quando a alma não é pequena

José António Bandeirinha *

Não. Não vou escrever-vos sobre o arquitecto Domingos Domingues que, no final do Século XIII, vem de Alcoça para dirigir a obra de um convento de Clarissas na margem do Mondego. Não vou escrever-vos sobre a épica luta das monjas contra a persistente invasão das águas, que se iniciou logo após a ocupação do edifício, provavelmente ainda durante a sua construção. Não vou escrever-vos sobre os auspiciosos esforços da Rainha Isabel, santa padroeira da cidade que se debruça sobre o convento. Também não vou escrever-vos sobre a mansidão das águas que emolduravam a ruína, ou sobre a retórica romântica do edifício-ilha, ditirambo decadentista que ilumina a nossa paixão pelo mito, mas vota ao desprezo a responsabilidade material que temos sobre a memória.

Vou escrever-vos, isso sim, sobre o modo como esse monumento chegou até à nossa geração. Lembrome bem dele quase abandonado, percebo hoje que estava soterrado até mais de um terço da sua altura real. Permanecia assombrado pela ameaça, sempre activa, das cheias, embora a construção do sistema da Aguieira a tenha domado, ou, pelo menos, atenuado. Estava votado ao estatuto de “caso perdido”, algo que dificilmente escaparia à condição de ruína romântica, para fruição de espíritos tardo-oitocentistas. Não valia a pena cuidar muito dele, porque o seu encanto se consumava, precisamente, a partir do seu abandono. Este quadro decadente era de-

vidamente emoldurado por um espaço envolvente pouco denso e muito desqualificado, que, em parte, ainda se mantém. A degradação do espaço urbano é sempre mais enfática quando não há densidade. Já em meados dos anos 1990, é tomada a decisão de se avançar com um primeiro projecto de requalificação, que previa a estabilização artificial das águas e a consolidação da parte emersa do monumento. É precisamente na sequência da preparação do terreno para a concretização desse projecto que se descobre o claustro adjacente à fachada sul da igreja.

A partir desse momento, começou um processo de decisão sobre o futuro de Santa Clara-a-Velha que privilegiou a abertura ao diálogo, a racionalidade, o bom senso e, sobretudo, a grandeza de alma a que alude o título. Parou de imediato a obra e passou-se à sondagem arqueológica sistemática. Nessa altura, foi, como hoje ainda o é, decisiva a acção do arqueólogo Artur Côrte-Real. Deu-se início a um ciclo de reuniões, ora mais técnicas, ora mais políticas – no mais incorruptível sentido do termo – ao longo do qual se auscultaram opiniões, pareceres, sensibilidade. A participação de cidadãos interessados na discussão acerca do futuro de um exemplar tão significativo da memória edificada foi, então, um dado de extrema importância. Na vertente mais científica, chamemos-lhe assim, deste processo de apoio à decisão, foi também determinante a partici-





pação da Universidade de Coimbra, quer através do Instituto Pedro Nunes, quer através do envolvimento de docentes e investigadores, como a antropóloga Eugénia Cunha ou o historiador Francisco Pato de Macedo, entre outros, bem como a colaboração do Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Quem dirigiu, e acompanhou de perto, todo este processo foi o Vice-Presidente do então designado Instituto Português do Património Arquitectónico, o historiador Paulo Pereira.

Duas opções de fundo condicionavam a escolha. Ambas valorizavam e definiam a conservação do monumento, uma, deixava-o permanecer íntegro, a seco, a outra, voltava a encher e a enterrar as suas

reaparecidas componentes estruturais, deixando a água regressar livremente. Vingou a primeira, em boa hora, pois só assim conseguimos hoje fruir a construção gótica na integridade da sua verdadeira escala.

Foi então necessário construir uma estrutura que evitasse a entrada da água, um dique, ou “ensecadeira”, obra dispendiosa, mas absolutamente necessária à manutenção a seco. A determinação posta na sua construção foi, sem dúvida, mais um dos tais indícios da alma grande. Pena foi que fosse então considerada, não como obra integrante da solução futura, mas antes como invólucro abstracto do terreno, como condição “técnica” de prepara-



ção do sítio, esse sim, entendido como “cultural”. Sabemos hoje, como já sabíamos na altura, que essa condição, tida como anódina, só o é na aparência. A separação entre o que é técnico e o que é cultural não existe, e é por essa razão que o seu traçado – da “ensecadeira” – se distancia de sobremaneira da solução de valorização do sítio, gerando a necessidade de tratamento cosmético, e até de disfarce, num contexto de intervenção que privilegia, antagonicamente e de um modo radical, a clarividência, a nitidez e a continuidade temporal e cultural.

Mas vamos ao projecto de valorização. Escolhida na sequência de um concurso público internacional, a proposta do Atelier 15, Arquitectos Alexandre

Alves Costa, Sergio Fernandez e Luís Urbano, veio a revelar-se como o corolário límpido de todo este processo. Um processo que começou, afinal de contas, na última década do Século XIII e que está ainda a decorrer. Não foi tarefa fácil.

À partida, a valorização do monumento estava muito condicionada. Desde logo, pela envolvente, rarefeita e desqualificada nas frentes norte, sul e poente, como já foi referido; depois, pela condição topográfica, a cota soleira do convento, embora seca, estava muito abaixo do nível actual do solo; o traçado da estrutura da ensecadeira, por sua vez, não era o mais desejável; por fim, a limitação da área a construir de raiz também obrigava a



uma grande precisão, ou “pontaria”, se quisermos. Quando a intervenção tem escala, é mais fácil gerar novas condições de transformação, quando não tem, torna-se necessário procurar inteligentemente o modo de “agarrar” o sítio, de a fazer dominar todo o problema projectual numa solução esclarecida e esclarecedora. Foi o que aconteceu.

As edificações novas existem em função do monumento, ajudam a interpretá-lo de acordo com a sua nova condição urbana, tentam, por vezes desesperadamente, envolvê-lo e protegê-lo das suas vizi-nhanças mais perniciosas. Nunca se lhe sobrepõem, mas também não se intimidam. Enfrentá-lo olhos nos olhos, à distância, foi a melhor maneira de lhe conferir a dignidade perdida.

O trabalho sobre os limites foi também meticulo-samente encarado. Foi necessário vedar, dentro do possível, as frentes mais hostis e fazer reviver a antiga cerca, tornando-a percurso ao longo da frente nascente, que confina mais amistosamente com o projecto urbano de Gonçalo Byrne para o Pólis.

Sim, era difícil domar o sítio com um programa tão contido e com tão pouca área de construção. Há, contudo, um desdobramento do volume do serviço educativo, a nascente, que ajuda a ancorar toda a massa edificada, fixando-a teluricamente na sua rigorosa posição de frontalidade para com Santa Clara-a-Velha.

A elevação sobre os pilotis, se devidamente desafoga-da, confere-lhe escala e elegância, ajuda a demarcar os sinais do seu tempo próprio, para assim cumprir, sem equívocos e com rigorosa transparência, a sua missão de continuidade.

No cimo da colina, a Universidade, embrenhada no turbulento quotidiano dos tempos que correm, pode agora repousar os seus olhos fraternais no monumento que reconquistou a dignidade, que ressurgiu para o espaço da cidade.

Pode reflectir com esperança sobre as circunstâncias de um processo que valeu a pena.

* Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra



Três anos depois: Os Livros Ardem Mal

No início chamou-se *Escaparate. Mensário da Actualidade Editorial*. Durou de Novembro de 2006 a Julho de 2007 e, como título e subtítulo indicam, tratava-se de tentar convencer algumas pessoas a deslocarem-se, na primeira segunda-feira de cada mês, pelas 18h, ao Teatro Académico Gil Vicente (TAGV), em Coimbra, para ouvirem falar de livros. Decidiu-se ainda convidar pessoas da cidade, uma de cada vez, a falar, no primeiro quarto de hora, de um livro especialmente significativo para elas.

As pessoas apareciam e desapareciam, o Escaparate manteve-se estoicamente mas, chegada ao fim “a primeira época”, como nas séries de TV, decidiu-se mudar. Não de pessoal, que permaneceu na primeira temporada – António Apolinário Lourenço, Luís Quintais, Osvaldo Manuel Silvestre, Rui Bebiano – vindo a reforçar-se na segunda com Catarina Maia e Salomé Coelho. Mudou-se sim o nome para *Os Livros Ardem Mal*, “roubado” com alguma falta de vergonha ao galego Manuel Rivas, mas manteve-se o propósito do Mensário da Actualidade Editorial. Integrou-se a iniciativa nas actividades do Centro de Literatura Portuguesa (CLP), da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reforçou-se a ligação às editoras, solicitando expressamente livros para apresentação pública. E mudou-se o formato, passando a convidar gente ligada ao livro: autores, sobretudo, estudiosos, jornalistas. Meia hora de mensário de actualidade editorial, uma hora de conversa com um convidado, retransmitida durante algum tempo pela Rádio da Universidade de Coimbra.

A conversa começou com Fernanda Câncio e continuou com Adolfo Luxúria Canibal, Frederico Lourenço, Joaquim Furtado, Manuel António Pina, Irene Flunser Pimentel e tantos outros, até aos dois últimos convidados, ambos do mundo da música e ambos com livros editados: António Pinho Vargas e Rui Reininho. As pessoas começaram a aparecer em maior número... Decidiu-se então, no início de 2008, reforçar a afirmação da iniciativa com a criação do blogue com o mesmo nome, *Os Livros Ardem Mal* (olamtagv.wordpress.com). Em função disto, a ligação com as editoras foi também reforçada, passando a iniciativa a contar com a recepção regular das novidades editoriais por parte de um vasto número de editoras portuguesas.

Concluída a segunda temporada de *Os Livros Ardem Mal*, que encerrou com o jovem dramaturgo José Maria Vieira Mendes a 6 de Julho, é tempo de um justificado balanço. Em primeiro lugar, quanto ao suporte institucional da iniciativa. Sem ele, ou seja, sem o esforço conjunto do CLP e do TAGV, uma iniciativa destas não é possível, tanto mais que o carácter periférico de Coimbra no todo nacional, e sobretudo no que respeita ao universo cultural, implica que se pague um preço sempre que nos esforçamos por eliminar as distâncias em relação aos centros da vida cultural. Significa isto que o eventual menor empenho de qualquer uma das entidades que suportam a iniciativa implicará, necessariamente, a sua suspensão, já que, apesar de se tratar de um evento “leve” em termos organiza-

cionais e financeiros, mesmo essa “leveza” implica um suporte institucional. Em segundo lugar, o público. Foi possível fidelizar um público de algumas dezenas de participantes, o que vai sendo cada vez mais difícil, desde logo pelos horários de trabalho cada vez mais sobrecarregados de todos, trate-se de pessoas já integradas no mundo do trabalho ou de estudantes. Mas foi também perceptível que no domínio das iniciativas culturais, a persistência é obrigatória: a história da iniciativa mostra que é necessário não desistir à primeira, ir afinando o modelo e sobretudo manter a regularidade das iniciativas propostas.

Por fim, a universidade. Os Livros Ardem Mal foi pensado pelos seus criadores como uma “actividade de extensão” do seu papel de universitários, por se ter partido do princípio de que a universidade não se esgota nas salas de aula e nos gabinetes e labo-

ratórios. Mais do que isso, é uma comunidade de saberes e interesse pelo saber, é a proposta de uma forma de vida comunitária mais rica e, por isso, mais intensa. A iniciativa tem sido, pois, um excelente diagrama da situação actual da universidade, na forma como reflecte investimentos e desinvestimentos, representações da universidade mais centradas na sua performatividade ou na sua maneira de fazer mundo. Tem havido de tudo, mas não vale a pena ocultar que no momento actual da universidade, e da nossa universidade em particular, a iniciativa tem um valor de resistência que os seus dinamizadores bem dispensariam. É provável que a cultura tenha sempre uma dimensão de resistência; mas que o tenha numa universidade, e na Universidade de Coimbra, isso já é algo que não pode deixar de ser vivido melancolicamente.

A equipa responsável por Os Livros Ardem Mal



Itinerários Culturais Contemporâneos

Paulo Côte-Real *

Constituída em Maio de 2007, a Associação Cultural Itinerários Contemporâneos – Zero (IC-Zero) é uma instituição sem fins lucrativos, que tem como principal objectivo a divulgação da arte contemporânea. Foi fundada por um núcleo de pessoas ligadas à cultura e, em particular, à área das artes visuais. Na sua génese esteve um convite feito pelo responsável da Galeria Sete, em Coimbra, a alguns elementos da Associação dos Antigos Alunos da ARCA/EAC (Escola de Artes de Coimbra), no sentido de desenvolverem um projecto para aquele espaço. A exposição daí resultante intitulou-se *Actores Urbanos* e tinha como conceito subjacente os espaços urbanos e as intervenções que os seus frequentadores vão neles gizando. Para colocar em prática este desafio foram convidados a participar “actores” de várias áreas criativas, que contribuíram com as suas obras para esta experiência multidisciplinar que combinou artes performativas, pintura, escultura, fotografia, manipulação digital, vídeo, instalação, música (peça original baseada nas outras expressões) e texto (encarado neste caso como uma peça da exposição que utilizou o catálogo como suporte físico). Os resultados alcançados por este evento levaram a uma reflexão acerca dos “espaços” e dos frequentadores que usam a criatividade para neles intervir, através de manifestações culturais/artísticas. Das conversas mantidas neste âmbito conclui-se que existia “espaço”, vontade e pertinência para

continuar a desenvolver este tipo de experiências, alargando-as de modo a integrar todos aqueles que, na sua vida quotidiana, lidam com a criatividade e com a cultura.

De facto, pensamos que Coimbra é uma urbe especialmente vocacionada para acolher projectos trans-disciplinares, pois a sua condição de cidade universitária confere-lhe uma ligação centenária à cultura, e que, por essa via, terá capacidade para reunir e potenciar todos os ingredientes necessários à realização destas iniciativas. À sua longa tradição artística, reflectida em instituições como TEUC, CITAC, GEFAC ou CAPC, e, mais recentemente, nos domínios da arquitectura e dos estudos artísticos, junta toda a investigação e conhecimento nas diversas áreas científicas e humanistas provenientes da Universidade, do Politécnico e de inúmeros centros de investigação, estabelecendo parte dos pilares fundamentais para a construção e desenvolvimento sustentado de uma cidade/espaço criativo por excelência.

Por outro lado, nas últimas décadas, Coimbra viu surgir projectos como A Escola da Noite, Teatrão, Bonifrates ou Centro de Artes Visuais, que se fixaram, definitivamente, na cidade e que com alguns projectos de índole privada como as galerias Sete, Sta Clara, Minerva ou Ícone constituem outra parte importante no potencial desenvolvimento de rotas criativas. Se, a tudo isto, acrescentarmos o TAGV, a

rede museológica existente, o associativismo cultural e alguns espaços comerciais carismáticos da cidade onde são pensadas/discutidas/apresentadas muitas das manifestações artísticas/culturais desta urbe, ficamos com a sensação de que, se conseguirmos criar empatias e sinergias entre estes “actores” podemos vir a afirmar Coimbra como um “espaço criativo”. Citando Eduardo Prado Coelho – numa conferência realizada em 2001 na Casa Municipal da Cultura, organizada pelo movimento Pro Urbe – Associação Cívica de Coimbra, na qual Coimbra foi anunciada como a primeira Capital Nacional

da Cultura – a realização desse tipo de eventos só faz sentido se conseguirem criar-se espaços criativos sustentados por novos públicos.

Foi a tomada de consciência destes factos, e a vontade de intervir nesta equação, que levou o referido núcleo de pessoas a fundar a IC-Zero e, posteriormente, a assinar um protocolo de colaboração com a Associação Cultural Casa da Esquina, em cujo espaço se encontra sedeadada, tendo assumido a responsabilidade pela programação de artes visuais da “Casa”, privilegiando a apresentação de trabalhos de autores externos à estrutura. O objectivo é dar



a conhecer projectos oriundos de outras cidades (nacionais e internacionais), contribuindo, assim, para um intercâmbio cultural que se espera enriquecedor para os participantes e visitantes.

Por outro lado, em 2010 iniciar-se-á uma série de contactos com o meio universitário e politécnico no intuito de desenvolver sinergias entre as artes e as ciências. A finalidade desta estratégia é, através de parcerias, obter obras realizadas em co-autoria por “artistas” e “cientistas” que reflectam e potenciem o cruzamento entre a investigação académica e o “fazer estético”. O resultado desses trabalhos deverá ser exposto não só na Casa da Esquina, mas, também, em espaços das instituições que neles co-participem ou em locais públicos, de modo a sensibilizar e conquistar novos públicos para este paradigma e, ao mesmo tempo, criar na comunidade hábitos de frequência destes espaços criativos. Tanto quanto possível, tentar-se-á internacionalizar estas iniciativas aproveitando as ligações e as redes de intercâmbio já existentes, e que são próprias do meio académico, dando primazia aos países da União Europeia, que já desenvolvem projectos nesta área e aos PALOP.

Outro dos objectivos da IC-Zero, a médio-longo prazo, será a edificação de uma “rede de espaços criativos” transversal à cidade – aproveitando os já existentes e (re)descobrimo outros - congregando diversas manifestações artísticas/culturais, centradas na arte contemporânea, num “roteiro cultural” que teria lugar regularmente. Este evento decorreria num formato semelhante aos projectos já iniciados em Lisboa ou no Porto por um conjunto de galerias que realizam inaugurações de exposições simultâneas, prolongando-se por um período de tempo suficiente para que pudesse ser visitado por um público alargado. Recordando os célebres *Encontros de Fotografia* o que se pretende é levar as pessoas a relacionarem-se de perto com a arte contemporânea, em todas as suas vertentes, através de uma *peregrinação* por uma série de *espaços* disseminados pela urbe, proporcionando-lhes,

também, uma visão social e histórica da cidade. Projectos como este contribuem para a afirmação de Coimbra como uma cidade criativa, e como ponto de visita, para um novo público internacional baseado no turismo cultural sustentado e sustentável espelhado, por exemplo, na experiência espanhola.

Neste contexto, desde Dezembro de 2008 foram programadas e realizadas pela IC-Zero três exposições multidisciplinares: *Hot Corner*, *Coimbra Industrial* e *Voyeur*, todas elas com a participação de vários artistas, performers, músicos, disc-jockeys e designers. Isto além dos projectos que a Associação produziu, desde que foi fundada, com trabalhos dos seus membros: o projecto *Actores Urbanos*, já na 3ª edição (Galeria Sete; Galeria do Teatro Municipal da Guarda; Foyer da Comissão Europeia – Estrasburgo), *IC-Zero* (Galeria Ícone) e *Fluxos* (Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz; Quarteirão das Artes – Montemor-o-Velho).

Até ao final de 2009, salvo alterações imprevistas, serão produzidos mais cinco eventos na Casa da Esquina: exposição de pintura e fotografia da Associação Existências; apresentação da curta-metragem *Todos Temos o Teu Fado* do realizador João Drago; *Vintepertrenta*, exposição de arte digital da Associazione Culturale Internazionale Terra Dell’Arte (Itália); *Fluxos*; *Christmas Mail Art*. Ainda no próximo ano, na Galeria Ícone, irá ser apresentada uma exposição do artista italiano Alfonso Caputo, além da co-realização com a AAA do Festival On Line de Artes Digitais (FONLAD), em Itália e no TMG (Guarda), e da participação no festival MIDEN (Grécia) e Ars Latina (Cuba).

Quanto à programação para 2010, está já a ser preparada e, tendo em conta o grande número de propostas recebidas, deverá estar brevemente definida.

* Presidente da Associação Cultural Itinerários Contemporâneos – Zero

Estímulos recíprocos

Terminou no passado dia 29 de Maio a segunda edição da *Oficina de Artes* – disciplina curricular da Licenciatura em Estudos Artísticos da FLUC – dirigida pel’ A Escola da Noite.

Para a companhia, o convite que os coordenadores do curso nos fizeram em meados de 2007 mantém-se como um enorme desafio, renovado com cada novo grupo de alunos com que trabalhamos. Apesar do nome que temos e de termos vindo a aprofundar a vertente formativa ao longo do percurso, nunca é de ânimo leve que nos vemos na pele de “professores”. Tratava-se, contudo, de um convite irrecusável: há anos que defendemos a necessidade de fomentar o ensino artístico – no país, mas em particular numa cidade com as características de Coimbra; há muito que acreditamos que o universo académico e o da prática artística ganham em interagir. Ao fim de 17 anos de trabalho, estamos igualmente convictos de ter um contributo a dar neste sentido, partilhando com o público e com futuros criadores e organizadores da coisa cultural a nossa forma de trabalhar e o património de experiência que fomos construindo ao longo do caminho.

Definimos por isso uma estrutura de Oficina que privilegia o contacto dos alunos com a realidade de uma companhia de teatro profissional. Abrimos-lhes as portas da casa e convidamo-los a percorrer todos os cantos, a conhecer tudo aquilo de que somos feitos e o que fazemos – da análise dramaturgica à produção, da cenografia à operação técnica, da actuação às estratégias de comunicação e à captação de fundos. Encontrámos nos alunos de Estudos Artísticos pontos de partida, ambições e expectativas

muito diferentes. Até pessoas que mantinham com o teatro uma relação distanciada, a que não é alheio o empobrecimento crescente dos programas curriculares do ensino básico e secundário no que diz respeito à sensibilização para as artes.

Não se formam profissionais de teatro numa cadeira semestral, muito menos actores ou encenadores. A abordagem que propomos é necessariamente superficial, como quem aguça o apetite, mas suficientemente dirigida para tentar combater preconceitos instalados e abrir novas perspectivas, quem sabe se revelando vocações e despertando interesses que estavam escondidos.

Fizemos questão de partir de um texto ou da obra de um autor, que se mantém como o fio condutor de cada edição da Oficina. O programa em concreto é definido anualmente, em função da metodologia que mais se adequa à exploração do texto ou dos textos a trabalhar.

Em 2007/2008 mergulhámos na obra de Kafka, experimentando com os alunos a exigente tarefa de transpor cenicamente textos não dramáticos, a partir de um conjunto de conceitos pré-fornecidos sobre o universo do autor. Conforme a vontade manifestada por cada um, os alunos foram a dada altura divididos por grupos de trabalho – actuação, cenografia e figurinos, montagem e operação técnica e produção –, trabalhando paralelamente para a construção de um “espectáculo”: o exercício interno que seria apresentado na última sessão. Uma simulação de companhia de teatro, portanto, em que se tornou muito visível a complementaridade dos diferentes sectores e a necessidade de eles trabalharem articu-

ladamente, mas também a radical predominância do conceito artístico e da ideia de encenação. É o acto de criação artística que justifica a existência da companhia e é ao seu serviço que esta tem de se colocar em cada novo projecto de espectáculo. O trabalho foi tão rico e frutuoso que viria a estar na origem do mais recente espectáculo da companhia, estreado já em 2009: *atravessando as palavras há restos de luz*, em cujo elenco participaram, aliás, dois dos alunos que frequentaram esta primeira Oficina. Não se tratou bem de uma coincidência nem a escolha de Kafka como matéria de trabalho foi inocente. Há muito que a sua obra despertava interesse no nosso grupo de trabalho e a oportunidade de experimentar diferentes abordagens em contexto de oficina pareceu-nos muito interessante. Quer para nós, que assim dispúnhamos de tempo para testar hipóteses, quer para os alunos, que puderam participar de forma activa num processo de criação artística desde o início. O espectáculo que apresentámos, dissemo-lo sempre, é também deles.

Para a segunda edição da Oficina adoptámos uma metodologia diferente, optando por um autor e um conjunto de textos que já havíamos trabalhado: um dramaturgo português contemporâneo, Abel Neves, e uma das suas obras de referência, *Além as estrelas são a nossa casa*. Dadas as características da obra escolhida – um conjunto de 30 pequenas peças de teatro, do qual os próprios alunos fizeram uma selecção –, optámos por criar, na fase final da Oficina, cinco grupos de trabalho, cada um deles debruçando-se sobre um esboço de encenação para um destes textos. Em conjunto, a turma partilhou noções gerais sobre o trabalho do actor, praticando exercícios de aquecimento, movimento e voz, bem como sobre o trabalho de análise dramaturgica, inerente à discussão sobre os textos que foram convidados a fazer. Também em conjunto, os alunos beneficiaram ainda da oportunidade especialíssima de conhecer e debater com o próprio autor: Abel Neves deslocou-se a Coimbra e conversou com a turma, numa das sessões da Oficina. Procurando

potenciar o trabalho que, em cada momento, a companhia está a realizar, aproveitámos para convidar a cineasta Fátima Ribeiro (autora do vídeo em *atravessando as palavras há restos de luz*) para realizar um mini-workshop de cinema com um dos grupos de alunos, a partir de um dos textos seleccionados. Daqui resultou um conjunto de planos sobre *Para um dia pintar o guarda-rios*, realizados e montados pelos alunos, exibidos na última sessão, a par dos exercícios teatrais construídos a partir desta peça e ainda de outros três textos: *Quem não quer ser fraco não lhe veste a pele*, *Interior com livros* e *Anda, vamos ver as montras*.

O balanço que fazemos destes dois primeiros anos é muito positivo. Sofremos na pele, é certo, as consequências de termos optado por considerar toda a companhia (e em particular o seu núcleo artístico) como entidade formadora, ao invés de destacarmos um dos seus elementos para esta função. A regularidade semanal das sessões “perturba” o “normal” funcionamento da estrutura, obrigada por força dos compromissos assumidos a cumprir calendários e datas de estreia. Mas estamos no universo das práticas artísticas, onde a “normalidade” é coisa que sufoca e a “perturbação” funciona como estímulo. Algo que, aliás, esperamos que possa funcionar igualmente em sentido inverso.

A Escola da Noite



A propósito da comemoração dos 23 anos da Rádio Universidade de Coimbra

Rádio Universidade assinala encerramento com emissão especial

Alexandre Lemos *

A RUC está a assinalar, ontem e até hoje, o seu encerramento com uma emissão especial. Nestes dois dias de emissão, a RUC propõe-se recordar todo o seu historial, realçando que o seu funcionamento «se iniciou no princípio da década de 50».

As aspas são a sério. Isto foi título de jornal a sério, impresso em papel de jornal, e com partículas de poeira suficientes para um estudo arqueológico. Está lá esse recorte ao pé dos outros que um dia podem servir para contar a História maiúscula que alguém devia contar, outro alguém, num outro pedaço de papel. Neste fica a minha ruque que não tem vinte-e-três anos – tem muitos mais. Tem os anos dos mitos todos, e, tem também menos, tem tantos anos como os que passaram entre mim e aquela secretária a receber-me – parecias um pinto.

A História da RUC. Essa História, assim, maiúscula, que outro alguém devia contar num outro pedaço de papel que não este. Para já tomo eu posse do desperdício que há-de ser imprimir todas estas palavras para escrever a ruque, que sei dos cento e sete nove ou ponto pê-tê, mas também o corredor, a secretaria, a secretária, os secretários. A primeira secretária dessa minha ruque a receber-me sempre com o mesmo texto decorado – tu és aquele rapaz

que um dia o Zé Carlos aqui trouxe encharcado, muito molhado, parecias um pinto. As primeiras vezes na ruque foram muitas vezes isso – parecias um pinto.

Um putito aflito sem saber o que pensar daquilo, não tímido, que nunca foi, aflito.

Como depois me afligia para tentar impressionar os mais velhos, sem saber quão velhos não eram. Algumas vezes hei-de ter pavoneado cores exóticas de citações e histórias parvas a miúdos tão miúdos como eu próprio.

A minha primeira vez na rádio foi mesmo com um desses miúdos, miúdo como eu, e eu impressionadíssimo com ele, com os botões, até a luz do telefone – de repente uma luz vermelha a manchar o estúdio, a tingir a cortiça. Um telefonema que em vez de tocar acendia e eu, parvo, mais parvo depois, vamos prender a chamada, aos poucos menos parvo e mais dado a parvoíces, a fazer de engraçadinho com a mesa de telefone e a prender eu a chamada, para depois fazer pê-êfe-éle e reencaminhar a via do cê-dê para o telefone, só para o telefone.

Impressionado com os outros miúdos e o miúdo da primeira vez com um vozeirão de meter medo, esforçado, grave.

FORD FEEL THE DIFFERENCE.



E eu a dar um salto no sofá vermelho, enorme, que parece um luxo exótico para quem se lembra de um outro, mais cinzento, e mais estafado que muitos bancos dos jardins abandonados. Eu, ainda com medo ou com vaidade daquele primeiro dia em que já nem queria falar do estatuto do estudante e do movimento do estudante, da associação do estudante, do dia do estudante, queria que fosse outra vez dia, ainda mais depressa, dormir à pressa para voltar para ali ou estar noutra sítio a falar daquele sítio. Outros, como eu, a passarem pela mesma vergonha e outros, como eu, a sentirem por mim vergonha alheia e eu mais e mais impressionado com a minha ruque. Como agora me esforço por achar que a ruque é do tamanho das pessoas, antes a esforçar-me por narrá-la monstruosa, épica, assombrada por monstros sagrados e agora todos os dias outra.

É muito fácil – carregas aqui para ligar isto, telefonas para ele se aquilo se avariar, apanhas sempre os papéis desarrumados e não pões nunca a pirisca no chão, ou essa. Essa é muito óbvia, se a escolhes estás a atentar contra os direitos mais do que fundamentais do ouvinte, ele a mudar de estação no exercício do direito e a estação do novo rock e a do velho rock e a do rock para pessoas de meia-idade, todas a passarem o single. Vês o que acontece se passas essa? Não, não pões nunca a pirisca no chão.

A casa de banho de um dos cafés muito frequentado pelos da ruque tinha inscrito, entre cervejas: “rádio umbigo”. Um putito aflito sem saber o que pensar daquilo, não tímido, que nunca foi, aflito. A querer

entender tudo, entendeu naquilo uma luta, uma quezília entre estes e aqueles. Entendeu bem e entendeu mal. Devia ter procurado uma voltinha familiar num dê ou num éme. Os pés daqueles insultos eram dos insultados entusiasmados com a solidão a não quererem nada. É bom ser elite, querer ser elite e fazer escolhas elitistas, restritas. O miúdo ainda mais pasmo com a força daquela afirmação incorrecta. Arranjar uma maneira de explicar depois – quem não quer ouvir a ruque que mude de estação, há tantas, quando se fartar das outras volte a tentar. É o que eu faço.

A Rádio Universidade de Coimbra tem vinte e três anos em éfe-éme e muitas mais décadas mais como ideia de rádio. Antes de ter um alvará radiofónico era ilegal. Tinha um nome mais bonito, Centro Experimental de Rádio. Chegou a emitir para as cantinas e faculdades – era bonito ver isso acontecer hoje. O mais provável é que aquelas colunas que ainda restam nas cantinas se mantenham mudas mais algum tempo, por pudor de gritar um superlativo popularucho de éfe-éme e já não é mau, não é nada mau. A ruque tem ainda muitos papéis para provar quase tudo, isto se for preciso fazer prova a ruque tem muitos papéis e bobines que arquivam a memória dos gigantes, arquivos selados por falta de dedos e ouvidos e olhos para eles. Se tivesse que terminar terminava assim – a ruque tem tudo o que quisermos que tenha.

* Presidente da Administração da Rádio Universidade de Coimbra

Grupo de Expressão Dramática InterDito

Ricardo Agnes *

Escrevo sobre deixar de ser alegórico.

Sobre ser um desabamento catastrófico.

Sobre ser um peregrino do espírito.

*Incendiar a pólvora da palavra liberdade, e vivê-la a sério,
nunca mais pensando nela. É cegar.*

Ensurdecer. Silenciar.

É rasgar o corpo terrestre e persistente.

*Esticá-lo. Agrafá-lo a uma rajada de vento e sentir o mimes-
tismo das órbitas onde o silêncio se cala.*

*Morrer antes da morte. Deixar a vida acontecer sem lhe dar
um nome. Ler este texto sem ele existir.*¹

Doídos. A diferença que pode fazer um assento quando de escaladas se trata! Pois nesse assalto que é a formação superior, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE) da Universidade de Coimbra tem, ao dispor dos seus docentes, discentes e funcionários, uma base para a deformação pessoal – trata-se do Grupo de Expressão Dramática InterDito.

No início de 2007, um grupo de alunos e docentes encenou a formação de um grupo de teatro na faculdade. A perspectiva de explorar a relação entre a Psicologia, a Educação e a Intervenção Social concretizou-se no vector principal do projecto que conta já com um *portfolio* interessante. Com destaque para a participação nas X e XI Semana Cultural da Universidade de Coimbra, contando, nesta última, com a orientação e coordenação artística de

Nicolau Antunes e com a colaboração da coreógrafa Amélia Bentes. O espectáculo *Sentir Tudo de Todas as Maneiras*, no qual o público é solicitado a contar uma história, aborda temas como a Psicologia Experimental e o mundo da senciência (ancorado em Fernando Pessoa), foi apresentado no passado dia 7 de Março na FPCE. “Será haurível o nome de sentir? Quanto me custa ser uma curva normal?” E porque “afinal, a melhor maneira de viajar é sentir”, a peça oferece uma viagem da normose até à loucura bendita, com um “hálito de música ou de sonho”. A anterior edição da semana cultural marcou a estreia do InterDito, com o espectáculo *Sr. Calvino* integrado no fórum de discussão *Em Busca da Ilha Desconhecida*, do ciclo de actividades *Planeta Terra com Gente Gira – Imaginação em Mo(vi)mentos*, na FPCE. Intrinsecamente, a nutrição fundamental do projecto InterDito é o alpinismo interior de cada um dos seus elementos. Assume-se (in)formalmente como um laboratório de autoconhecimento. Para essa deformação têm contribuído inúmeros workshops, entre os quais um de criatividade com Gil Alon, realizado em Abril de 2008, que marcou de forma decisiva a afirmação e o crescimento do grupo.

O grupo pretende apoiar o Centro de Prestação de Serviços à Comunidade da FPCE bem como os diferentes grupos de investigação. Para tal propõe-se dinamizar intervenções psicoeducativas, como

já teve oportunidade de fazer através de sessões de estimulação sensorial com idosos. Tenciona igualmente participar em conferências, colóquios ou congressos, à luz do que aconteceu, por exemplo, a 6 de Março último, com a apresentação de “Cenas de Abuso a Idosos” no *Malmequeres e Bem Me Queres* - II Congresso de Psicogerontologia Clínica. Uma outra valência deste grupo é o enriquecimento pedagógico que coloca ao dispor de todos os docentes da faculdade, uma vez que se disponibiliza a realizar *roleplays* ou pequenas apresentações nas aulas. O grupo conta já com apresentações em algumas unidades curriculares onde trabalhou, por exemplo, o psicodrama.

Ainda imberbe, este é um projecto em desenvolvimento que espera ver-se talhado de acordo com as linhas mestras da estrutura interna da FPCE e da própria Universidade de Coimbra. Assim, tem vindo a desenvolver todos os esforços no sentido de concretizar a vitalidade que cria e atrai na realidade do percurso académico dos futuros estudantes da FPCE. A sustentação da inércia até agora criada dependerá de ventos favoráveis, porque não será por falta de solo fértil que este movimento será para sempre interdito. Com ou sem cárcere libertino os assentos vão aparecendo. Doídas quem-se as formações, se é que me entendem. Para já, o drama instalou-se na FPCE.

*Será a liberdade assim tão grave?
 Quanto me custa ser uma curva normal?
 A quem pertence o zero absoluto da minha
 autenticidade? É meu? É teu?
 Sentir por mim, ou por eles?
 Cara ou coroa? Cara sem coroa? Coroa muito cara?
 Quanto me custa ser rei e não ter uma coroa?
 Tão perto da média, tão longe da origem!
 Quanto me custa não querer este sorriso?
 Vão-se os anéis, ficam-se os dedos.
 Quanto me custa gostar dos meus dedos?
 Não estou à altura da moda mas tenho*

*uma moda à altura.
 Tão perto da origem, tão longe da média.
 Quanto me custa ser uma curva normal?
 Quantas sílabas tónicas terá uma
 antologia breve de felicidade?
 Se eu gostar muito de ti, será incesto desejar-te?
 Variáveis, cada vez mais dependentes.
 E variam tão pouco!
 Será a liberdade assim tão grave?
 Quanto me custa ser uma curva normal?²*

* Membro do Grupo de Expressão Dramática InterDito

1. Texto introdutório à peça *Sentir tudo de todas as maneiras*, de Ricardo Agnes | 2. Extracto da peça *Sentir tudo de todas as maneiras*



(Re)pensar a edição e o acesso público às revistas universitárias

Jorge Pais de Sousa *

Numa iniciativa conjunta do Serviço Integrado de Bibliotecas (SIBUC), da Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) e da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE), a Universidade de Coimbra organizou e acolheu no auditório desta Faculdade, no passado dia 6 de Maio, o *II Encontro EBSCO de Editores de Publicações Periódicas Portuguesas – Panorama da Edição e da Utilização das Publicações Periódicas*¹.

Muitos foram os profissionais e especialistas provenientes de diversos pontos do país que estiveram presentes, desde editores, e professores com responsabilidades na direcção de revistas, a bibliotecários, para comunicarem entre si e debaterem os diversos tipos de desafios e de problemas que se colocam hoje à edição e ao acesso às publicações periódicas. Na verdade, a edição electrónica constitui hoje uma forma de difundir e fazer chegar mais longe, com custos de edição mais baixos, as revistas e jornais científicos publicados em língua portuguesa. E este esforço pode e deve ser envidado numa lógica de complementaridade entre suportes de edição, pois, numa sociedade em mudança acentuada, como a nossa, manter o suporte impresso é algo que cabe a cada projecto editorial concreto avaliar. Estas e outras questões foram, aliás, objecto de tratamento

numa significativa comunicação efectuada por dois professores anfitriões do evento, Maria Isabel Festas e Eduardo Santos, subordinada ao título *Ciência e Lusofonia: Desafios e perspectivas num mundo multilíngue*, tendo como base a reflexão e a experiência de trabalho das revistas de que são directores, respectivamente, a *Revista Portuguesa de Pedagogia* e a *Psychologica*.

Porém, se nos colocarmos na óptica da Universidade de Coimbra, como instituição de ensino superior que edita um catálogo pluridisciplinar que integra mais de 50 títulos de publicações periódicas universitárias, o objectivo geral que levou a acolher e a organizar este encontro era promover a consciência colectiva de uma nova cultura institucional que permita enfrentar os problemas que resultam de necessidade de reduzir custos, com a impressão e a distribuição destas suas publicações periódicas, mas também sensibilizar para a necessidade de proceder à digitalização e edição electrónica, promovendo ao mesmo tempo a integração das revistas em bases de dados internacionais, de forma a conquistar para elas novos e mais amplos públicos. E embora não haja um registo definitivo de títulos de periódicos, num levantamento efectuado para a preparação desta reunião, foi possível identificar que a Faculda-

de de Letras (FLUC) publica 15 títulos, a Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Faculdade de Direito editam 11 títulos cada uma, a Faculdade de Economia publica seis títulos (alguns em associação com o Centro de Estudos Sociais e o Instituto Nacional de Engenharia de Sistemas e Computadores), as Faculdades de Medicina e a de Psicologia e Ciências da Educação editam três títulos cada, restando mais seis publicações periódicas que são da responsabilidade de estabelecimentos como o Arquivo, a Biblioteca Geral, o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século 20, a Reitoria e a Associação Académica.

Ora, não nos parece que a comunidade universitária tenha uma consciência e uma percepção nítidas da importância institucional, da riqueza e diversidade, desta vertente específica da produção científica e cultural, que promove, de resto, a cooperação interuniversitária (muitos docentes e investigadores de diferentes universidades colaboram na edição das publicações universitárias de Coimbra). Neste quadro, assegurar maior visibilidade para as suas publicações periódicas e conseguir para elas uma maior difusão e acesso públicos, tanto no país como no estrangeiro, é também promover a cultura científica que as suas diversas escolas e centros de investigação produzem no dia a dia. Estamos em querer que se justifica, plenamente, desenvolver uma política concertada e de conjunto para este segmento da edição de periódicos enquadrando-a no âmbito geral de uma política comum da edição universitária, à semelhança da que se está a desenvolver para as bibliotecas e os museus.

Antes deste encontro ter lugar, e de certo modo a título de trabalhos preparatórios, os directores de duas revistas que possuem um historial diferente e que são editadas pela FPCE, a *Revista Portuguesa de Pedagogia* (desde 1960) e *Psicologica* (desde 1988), haviam assinado um contrato para passarem a paginar e imprimir estes dois títulos – prestigiados nos territórios do conhecimento em que se incluem – com a chancela da Imprensa da Universidade, sem beliscar minimamente o controlo sobre a proprieda-

de e os conteúdos científicos. Os órgãos directivos da Faculdade haviam concluído que a economia financeira que se obtinha com a impressão seria grande ao fazer esta opção, para além de passar a usufruir dos canais de distribuição e de venda da distribuidora que tem contrato com a editora da sua universidade. Parece-nos que esta pode ser uma solução de racionalização de custos humanos e financeiros a adoptar, gradualmente, por outros títulos editados em Coimbra, de forma a superar também os circuitos débeis de circulação de revistas universitárias. Em paralelo, os directores das revistas daquela Faculdade começaram a trabalhar no projecto da edição electrónica destes seus títulos, o qual permite construir um modelo interactivo de comunicação científica de longo alcance e relativamente económico.

Um momento importante foi o que coube a Maria Manuel Borges protagonizar, como docente do Instituto de Ciência da Informação Arquivística e Biblioteconómica da FLUC, ao apresentar, em seu nome e de outros colegas, *A plataforma para a publicação de revistas electrónicas na Universidade de Coimbra*. Esta plataforma baseia-se no *Open Journal Systems* (OJS), um sistema de gestão e de publicação de revistas “open access”, amplamente testado internacionalmente. Permite que todo o processo editorial, desde a submissão de artigos para avaliação entre pares, à sua revisão e publicação, seja facilitado (é susceptível de ser configurado e adaptado às normas editoriais de cada revista). A funcionar já nesta plataforma e sistema foi apresentada a revista *Humanitas*, título prestigiado a nível internacional que é editado pelo Instituto de Estudos Clássicos, também da FLUC. Posteriormente ao Encontro, a IUC e a FLUC estabeleceram um protocolo que permite oferecer, a título gracioso, um novo serviço para a edição electrónica de revistas, designado de *ID@UC* (www.uc.pt/imprensa_uc), o qual possibilita a migração ou a criação de títulos de revistas para um formato digital, mantendo, sempre que requerido, a versão em papel. A solução encontrada tem a

vantagem adicional de permitir a ligação fácil com o “Estudo Geral”, o repositório da produção científica da Universidade de Coimbra (www.uc.pt/sibuc/Estudo_Geral).

Outra apresentação relevante foi a efectuada por Richard Sawyer, da EBSCO Publishing (www.ebscohost.com), denominada de *Preliminary Issues for the Launch of 'Fonte Académica' – the Portuguese academic journals database*. Nesta comunicação foram reveladas as características da primeira base de dados electrónica de revistas e jornais científicos de língua portuguesa, designada de *Fonte Académica*, uma iniciativa de um dos maiores “hosts” de todo o mundo no domínio de grandes bases de dados internacionais, a qual ficará disponível este Verão. Foi anunciado que deve abrir com 125 títulos de publicações periódicas, portuguesas e sobretudo brasileiras, pelo que a Universidade de Coimbra tem uma oportunidade única de integrar os cerca de 50 títulos que publica. Este facto daria uma acrescida visibilidade internacional à sua produção científica que não deve ser desprezada. Para facilitar o processo de adesão e de integração das revistas editadas em Coimbra nesta nova base de dados, a EBSCO Publishing fez chegar ao SIBUC, uma cópia do contrato-tipo de *não exclusividade*, em inglês e em português do Brasil. Assim, os directores das revistas e os responsáveis eleitos para os corpos directivos das Faculdades podem tomar decisões sobre o futuro das revistas que publicam, sabendo, de antemão, que a publicitação da sua produção científica é decisiva para aumentar o impacto da sua actividade científica e o prestígio das suas escolas e centros de investigação.

Foi ainda abordado o tema do acesso público a bases de dados de revistas e de jornais científicos nas bibliotecas universitárias tendo, para este efeito, sido útil a comunicação do engenheiro João Moreira, o qual em nome da B-On, Biblioteca do Conhecimento Online (www.b-on.pt), gerida pela Fundação para a Computação Científica Nacional (FCCN) apresentou as soluções informáticas que estão a ser

estudadas para resolver o problema urgente do acesso perpétuo aos arquivos de revistas que já foram alvo de assinatura e que deixaram, por qualquer razão, de o ser. Este problema foi, aliás, identificado na comunicação que foi efectuada por Margarida Umbelino, em nome da equipa de bibliotecárias que incluiu Isabel França, Noémia Canas e Teresa Alcobia, e que resultou de um inquérito às bibliotecas da Universidade de Coimbra que permitiu avaliar *O Impacto da B-On na Gestão dos Periódicos nas Bibliotecas Universitárias*. Seguiu-se-lhe, sobre o mesmo tema, Clara Macedo, responsável pela Biblioteca Virtual da Universidade do Porto, que apresentou dados que revelam o rápido crescimento nos últimos anos do número de acesso à B-On, bem como o aumento do número de “downloads” efectuado.

No debate de encerramento usaram da palavra vários bibliotecários e professores responsáveis por bibliotecas universitárias que interpelaram o representante da FCCN, no sentido de chamar a atenção para a quase inexistência na B-On de bases de dados nas áreas das Artes, das Humanidades e Ciências Sociais (o Direito e a Arquitectura, por exemplo, são casos flagrantes de insuficiência de cobertura). Na sequência, o director do SIBUC, Carlos Fiolhais propôs-se elaborar um documento no sentido de chamar a atenção para estas lacunas de cobertura científica, procurando tornar a B-On, cada vez mais, uma Biblioteca do Conhecimento Online, ao serviço de todos os universitários.

* Bibliotecário do Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra

1. Sobre este encontro consulte-se:
www.uc.pt/sibuc/destaques/IENCONTROPPP

Breves

Projecto de conservação da Via Latina premiado

Entre 138 candidaturas, provenientes de mais de duas dezenas de países, o projecto de recuperação e requalificação da Via Latina da Universidade de Coimbra (UC) foi premiado pela União Europeia e pela Europa Nostra, no âmbito dos *European Union Prize for Cultural Heritage/Europa Nostra Awards 2009*. Esta distinção foi atribuída após a análise efectuada por um painel de peritos independentes, que sublinhou o rigor e qualidade do trabalho da intervenção que tem vindo a ser desenvolvido no local.

Erigido na segunda metade do século XVIII, como solução hábil para facilitar os acessos entre o Paço Reitoral, a Sala dos Capelos e os Gerais, o conjunto monumental da Via Latina combina história, arte e ciência com a contemporaneidade de um espaço onde se cruzam quotidianamente a comunidade universitária e os muitos turistas que visitam a UC. Nesse sentido, a atribuição deste galardão reveste-se de elevada importância, pois revela reconhecimento internacional deste espaço monumental, peça-chave na valorização do Pátio das Escolas e, consequentemente, uma mais-valia na candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial da Unesco. Os *European Union Prize for Cultural Heritage/Europa Nostra Awards* foram lançados em 2002, para celebrar iniciativas excepcionais no âmbito da conservação da herança cultural europeia, procurando premiar as melhores práticas de manutenção/recuperação patrimonial. A cerimónia de entrega dos troféus deste ano decorreu a 5 de Junho, no antigo teatro grego de Taormina, na Sicília (Itália).

Colóquio Internacional reflecte sobre a Europa

O colóquio internacional *2009: (Re)pensar a Europa*, realizado a 20 de Abril no Arquivo da UC, visou reflectir sobre alguns aspectos da Europa contemporânea, através de comunicações de Clara Isabel Serrano, Ana Isabel Martins, Isabel Maria Freitas Valente e Victor Barros (Univ. Coimbra), Adriano Moreira (Presidente do Conselho Geral da Univ. Técnica de Lisboa), Miguel Estanqueiro Rocha (Univ. Aveiro), Luís Vieira Andrade (Univ. Açores) Alina Stoica (Univ. Oradea, Roménia) e Mara Caira (Univ. IULM-Milão, Itália), na sua maioria investigadores com ligações ao CEIS20, centro de investigação no qual se insere o Grupo de Investigação 2 “Portugal Europa e o Mundo”, responsável pela organização do evento.

Divididos pelos painéis “Europa. Contextos e Desafios” e “Europa aberta ao Mundo” os temas em foco permitiram uma abordagem de temáticas tão distintas como as relações entre a UE e a China, a postura europeia e norte-americana face aos territórios ultramarinos portugueses no início dos anos 1960, o alargamento da UE, a situação actual da fronteira romeno-ucraniana ou as eleições europeias e os espaços europeus.

Durante o colóquio foi ainda apresentado o n.º 10 da Coleção dos *Cadernos do CEIS20*, intitulado “20 anos de União Europeia: percepções e realidades em Portugal”, da autoria de Ana Isabel Martins e Isabel Maria Freitas Valente.

Rocha Lunar no Museu da Ciência da UC

Para assinalar o Ano Internacional da Astronomia, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra expõe, entre 22 de Maio e 24 de Julho, parte da pedra lunar trazida por ocasião da viagem da Apollo 15, considerada pela NASA a missão lunar tripulada mais bem sucedida de sempre.

Recolhida pelo astronauta James Irwin durante essa missão espacial, decorrida entre 26 de Julho e 7 de



Agosto de 1971, pesa 109 gramas, sendo um pequeno fragmento de uma rocha com 2,672 gramas e 3 mil e 300 milhões de anos, uma idade superior à quase totalidade das rochas que compõe a superfície terrestre.

Na cerimónia de apresentação pública da “pedra da Lua”, Carlos Oliveira, investigador da Universidade do Texas que tem desenvolvido trabalho em parceria com o centro da NASA em Houston, proferiu a palestra *Os 12 Homens Que Pisaram a Lua*, onde procurou desvendar os segredos dos astronautas que participaram nas missões lunares, uma das mais ousadas aventuras da Ciência e do próprio Homem. Esta iniciativa conta com o apoio da NASA e da empresa Critical Software.

I Encontro de Jovens Investigadores do CEIS20

Realizou-se a 6 e 7 de Março de 2009, na sala de conferências do Centro de Estudos Interdiscipli-

nares do Século XX da Universidade de Coimbra - CEIS20, o I Encontro de Jovens Investigadores deste centro de investigação da UC, que teve como objectivos proporcionar um intercâmbio científico entre os seus mestrandos e doutorandos, bem como uma divulgação das investigações já desenvolvidas para as teses que se encontram a preparar. Divididas em três grandes painéis – Ciências e Cultura Científica; Política e Relações Internacionais; Artes e Comunicação – as apresentações funcionaram como uma oportunidade para os intervenientes efectuarem uma exposição do trabalho que têm vindo a realizar, num espaço de interdisciplinaridade, discussão e debate científico em torno das temáticas apresentadas. Este encontro, que contou com cerca de três dezenas de participantes, em grande parte bolsheiros da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e Fundação Calouste Gulbenkian, passará a ter uma periodicidade anual. Maria Manuela Tavares Ribeiro e João Rui Pita foram os seus responsáveis científicos.

Vista Inédita de Coimbra

António Filipe Pimentel *

A Reitoria da Universidade acaba de adquirir, no mercado de arte e com destino ao futuro Museu da Universidade de Coimbra – velhinho projecto que começa a materializar-se com nova consistência–, um pequeno mas precioso desenho, de 197 x 319 mm, que constitui a terceira mais antiga vista da cidade até hoje conhecida, após as de Georg Hoefnagel (inserta na obra de Georg Braunio, *Civitates Orbis Terrarum*, editada em Colónia em seis volumes, entre 1572 e 1617 – e com recente e luxuosa reedição fac-similada) e de Pier Maria Baldi (esta destinada a ilustrar o relato da passagem por Coimbra, integrada num périplo por Espanha e Portugal, do futuro Cosme III de Médicis, Grão-Duque da Toscana, em 1669 – a qual, de igual modo, conheceria, no que respeita à etapa coimbrã, uma recente edição de texto e desenho, da responsabilidade da Câmara Municipal e com estudo de Raquel Magalhães). Trata-se, com efeito, da única imagem até hoje registada da cidade universitária, produzida após as que acabam de referir-se e antes da emergência da litografia – e, obviamente, antes de iniciar-se a sua reprodução fotográfica, cuja história, entretanto, os estudos de Alexandre Ramires têm feito notavelmente recuar: o que lhe confere uma objectiva e notável relevância científica.

Realizada à pena e parcialmente aguarelada, sobre papel grosseiro desprovido de marca de água, a vista de Coimbra, sobre a qual se traçaria uma quadrícula que induz a noção de destinar-se a ampliação, constitui, na verdade, essencialmente um esboço ou estudo para obra posterior e tem por ponto de mira,

como habitualmente, a margem esquerda, donde a cidade surge como propositadamente modelada, com o morro da alcáçova declinando lentamente para o rio. Sem qualquer assinatura que permita aventar uma autoria, na ausência de um atento e demorado estudo que transcende, obviamente, as ambições desta breve nota, possibilita, todavia, uma datação. A qual, seguramente, não deverá andar longe da viragem do século XVIII para o XIX. Com efeito, nela avulta, em primeiro plano, a ponte manuelina, ainda rematada pela torre da portagem e, da Estrela (com a muralha da couraça ainda livre de adições urbanas) à Sapiência (Santa Cruz transcende já a perspectiva do desenhador) é ainda a cidade intocada pelos efeitos da desamortização dos bens eclesiásticos de 1834, o que se divisa. Por outro lado, no Paço das Escolas – cuja configuração geral persiste a que chegaria aos dias de hoje (excepção feita às obras de *requalificação* dos alçados exteriores da Biblioteca Joanina promovidas pela DGEMN na década de 1940) –, ostenta-se já, plenamente edificado, o *Observatório Interino*, projectado por Manuel Alves Macomboia em substituição do do castelo, concluído exteriormente em 1791 e que ocuparia o topo livre do pátio escolar até à sua demolição, nos anos 50 do século findo: o que objectivamente lhe faculta um *terminus ante quem*. E de igual modo se ostenta ainda, essencialmente íntegra, a grande plataforma contrafortada que o protegeria pelo ocidente, bem visível no desenho de Hoefnagel, erguida por Boitaca ao tempo das grandes obras de D. Manuel I.

Entretanto e para Sul (o extremo direito do desenho) o grande espaço da cerca dos Beneditinos que o Jardim Botânico ocuparia – sabendo-se, como se sabe, que seria a obra mais demorada do complexo dos *estabelecimentos científicos* pombalinos – permanece ainda aparentemente intocado (fora a mata), com casario avulso que o respectivo plantio faria remover, recortando-se contra o aqueduto, plenamente visível: e é este um dado que releva para a história daquele que é, inquestionavelmente, um dos mais belos e fascinantes trechos do património universitário e também para a história do desenho, tendo em conta saber-se que a conclusão deste programa seria um dos grandes projectos de D. Francisco de Lemos no seu segundo reitorado (1799-1821), ocupando-o essencialmente nos anos terminais, onde a má-língua universitária o cominaria de gastar os recursos da instituição “em construir muros de pedra e cal, e socalcos, que, não podendo concorrer para o adiantamento das sciencias, pelos seus muitos defeitos, nem ao menos servem de recreio”. Obtido, pois, por esta via, o *terminus ad quem* – o arranque do plantio do Botânico –, a cronologia do desenho parece, com efeito, poder estabilizar nos inícios de 1800, garantindo assim à cidade um terceiro marco iconográfico, com intervalo quase secular: Hoefnagel, em finais do século XVI; Baldi, no terceiro quartel do XVII; o que nos ocupa, dos

anos finais do século XVIII ou (mais provavelmente) já dos iniciais do XIX. De facto, em primeiro plano, fornecendo a escala da composição, o que parece ser o esboço de um casal de camponeses, pode, na verdade, proporcionar ainda – mais, talvez, que o desenho do edificado, num país então de austero paisagismo urbano (logo, com diminutas possibilidades de confronto) – a pista para uma indagação autoral que seria objectivamente útil apurar.

Mas útil será, sobretudo, para a História de Coimbra e da sua evolução urbana (em sobreposição com a cartografia conhecida e a que – como se documenta na surpresa deste achado – possa ainda vir a desvendar-se) que a investigação mergulhe, como se impõe, com a demora que merece, na análise das minúcias deste documento iconográfico inquestionavelmente precioso. Demora de que muito há a esperar, para todas as áreas que se entrecruzam no estudo de um património – o da Universidade e o da urbe que a acolhe e a que se encontra indissoluvelmente ligada: convocadas ambas, aliás, no grande desígnio comum que constitui a candidatura da Escola a Património Mundial UNESCO e que implica a requalificação que a há-de enquadrar. Uma e outra assentes em reflexão e estudo que por esta via se enriquecem.

* Pró-Reitor para o Património da Universidade de Coimbra



Teatro universitário da academia de Coimbra em destaque

Pedro Dias da Silva

A décima edição do FATAL – Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa, uma iniciativa da Reitoria da Universidade de Lisboa que decorreu durante todo o mês de Maio, maioritariamente no espaço do Teatro da Comuna, revestiu-se de um significado especial para a Academia de Coimbra. Este evento, que se define como um “laboratório de dramaturgia” e uma “escola de teatro e encenação”, homenageou este ano Paulo Quintela, um dos mentores do teatro universitário português, fundador, director artístico e encenador do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), além de reconhecido responsável pelo desenvolvimento de um meritório trabalho de uma vida como mediador entre culturas.

Enfatizando a importância do teatro universitário durante o Estado Novo “como espaço de liberdade”, a homenagem do certame a Quintela conheceu o seu momento mais formal no dia 28 de Abril, data em que se iniciaram as suas actividades com uma sessão que contou com intervenções de Gil Costa, membro do TEUC, José Carlos de Vasconcelos, director do *Journal de Letras, Artes e Ideias* e antigo dirigente e membro do TEUC, e dos Coros Dramáticos da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto, que leram poemas da autoria deste “almocreve da cultura”.

Por outro lado, entre as duas dezenas de espec-

táculos de grupos de teatro universitários que figuraram no programa do Fatal 2009, foi possível assistir a apresentações do CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), GEFAC (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra) e TEUC. Para os últimos, colectivo teatral universitário com uma história indissociável da figura em destaque este ano, a sua participação revestiu-se de enorme significado uma vez que, segundo Pedro Malacas, encenador do espectáculo que apresentaram no FATAL, “na celebração do seu décimo aniversário, este evento decidiu homenagear o fundador do nosso grupo, o Doutor Paulo Quintela. Esta homenagem não ficou a dever-se somente à fundação do grupo de teatro universitário mais antigo da Europa com actividade contínua, mas também ao seu legado cultural e pedagógico”, pelo que “foi com enorme prazer e responsabilidade que o grupo encarou a sua participação no festival, ainda para mais quando lhe coube a abertura do mesmo, com a estreia da nossa mais recente produção, *Popo*, a partir da peça *Leônicio e Lena*, de Georg Büchner”.

Num contexto em que, segundo a organização do festival, “o desafio colocado ao teatro universitário [é] (...) conseguir reflectir a própria universidade, que como tudo o resto, está a atravessar um período de crise”, as palavras de José Carlos Pereira, da direcção do CITAC,

fazem sentido: “é muito importante divulgar o trabalho [do grupo] e as suas ideias fora de Coimbra, em festivais e em mostras de teatro quer nacionais quer internacionais”. Desta feita, “oito recém-formados Citaquianos mostravam o seu trabalho [*Reality Show*, criação colectiva encenada por Vvoitek Ziemilski] fora de casa”, num Teatro da Comuna lotado, que reagiu positivamente à apresentação, a avaliar pelos “aplausos e a tertúlia bem animada que se seguiu ao espectáculo”. Não será por isso surpreendente que o júri do FATAL, presidido pelo actor Ruy de Carvalho e pelo reitor da Universidade de Lisboa, António Nóvoa, tenha decidido distinguir este grupo com o Prémio *FATAL Cidade de Lisboa 2009*, “pela originalidade e sentido de oportunidade inovadoramente provocatório, enquanto sujeitos e objectos de uma realidade «atraente» e «devoradora» estimulada pelas «sociedades do espectáculo»”.

Este evento contou igualmente com uma criação colectiva do GEFAC, *Você está aqui*, concebida a partir de um workshop orientado pela coreógrafa Clara Andermatt, que, segundo o grupo, pretende “explorar (...) de modo inovador, as potencialidades expressivas dos gestos, hábitos e danças tradicionais, frequentemente associados ao mundo rural, para revelar o seu ponto de fusão com aqueles que se sentem ser os ritmos do quotidiano urbano”. De acordo com declarações de Alfredo Campos, da direcção do grupo, à Rua Larga, participar no FATAL foi “tanto um prazer como um desafio. Afinal, o GEFAC é um grupo que não se dedica especificamente às artes dramáticas, como a maioria dos grupos que se apresentam no Festival. Diversamente, procuramos mostrar como o teatro, bem como a dança e a música, podem confluír na reinvenção da cultura tradicional portuguesa, sendo a nossa formação orientada para esse fim”. Nesse sentido, afirmou ainda que “apesar dessas nossas idiossincrasias, foi com regozijo que vimos o nosso espectáculo *Você Está Aqui* merecer grande receptividade do público, expressa nas observações que nos foram feitas pelos espectadores que participaram na tertúlia, e ainda na Menção Honrosa que nos foi atribuída pelo Júri do FATAL”.

De salientar, igualmente, a publicação da revista FATAL

2009 que, entre outros artigos, inclui testemunhos de participantes na primeira edição do Festival, encenadores, actores e organização, além de ensaios e recolhas de textos sobre a figura de Paulo Quintela e o TEUC, bem como uma visão sobre o panorama do teatro universitário nos países europeus representados no evento deste ano, onde participaram grupos de teatro nacionais de universidades públicas, privadas e politécnicos, a que se juntaram colectivos provenientes da Alemanha, Espanha, França e Brasil.

Exposições temáticas, instalações, tertúlias, workshops e masterclasses sobre *commedia dell'arte*, dramaturgia, fotografia e tradução para teatro completaram o conjunto de actividades propostas pelo FATAL 2009.



Duas novas espécies de aranhas

Tegenaria barrientosi e *Parapelecopsis conimbricensis*

Luís Crespo *

Embora tenha findado a minha licenciatura em Biologia na Universidade de Coimbra em Setembro passado, foi desde o final do 1º ano que comecei a procurar aprender na área da aracnologia, oferecendo ajuda às colegas investigadoras do IMAR-CIC (na altura, IAV), instituto de investigação sediado no Departamento de Zoologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Uma delas, Catarina Prado e Castro, tinha amostras de aranhas da mata do Jardim Botânico de Coimbra a que pude ter acesso. Foi aí que comecei a estudar as aranhas fazendo identificação em laboratório. Mais tarde, em 2005, conheci o biólogo Pedro Cardoso, que acabou por me orientar ao longo destes anos.

Estabeleci contacto com a *Tegenaria barrientosi* no material da Catarina e apercebi-me, depois de conferenciar com o Pedro, que poderia ser uma nova espécie para a ciência. Esta já se encontrava, no entanto, em descrição devido aos exemplares por ele capturados em 2002, na zona de Ourém, a propósito do seu doutoramento. Os novos exemplares vieram reforçar a certeza de se estar perante uma nova espécie. Quando percebi que a *Tegenaria* constava nas amostras da Catarina decidi colocar algumas armadilhas no Jardim Botânico (tendo apanhado mais duas fêmeas), acabando, finalmente, já em 2006, por enviar os exemplares

a Angelo Bolzern, da Universidade de Basileia, especialista suíço neste grupo particular de aranhas, que descreveu esta espécie, juntamente com outra do mesmo grupo – *Tegenaria incognita* – que encontrei no Parque Florestal de Monsanto, em plena Lisboa. Este é o trabalho que acaba de ser publicado, sendo que o principal autor é, em boa verdade, Angelo Bolzern. O facto de haver novas espécies para a ciência no meio das nossas cidades mais populosas ilustra o quão mal conhecido é o mundo das aranhas portuguesas. Tal como a necessidade de recorrer a especialistas estrangeiros para descrever as nossas próprias espécies.

Já em relação ao *Parapelecopsis conimbricensis*, reconheci-o, inicialmente, em amostras por mim recolhidas na Reserva Natural do Paúl de Arzila, perto de Coimbra, a propósito de um trabalho que, por puro prazer, lá desenvolvi com o objectivo de conhecer a lista de espécies de aranhas da Reserva. Sempre que podia (especialmente em 2006) deslocava-me até à Reserva para efectuar recolhas – sozinho ou em conjunto com colegas e amigos (entre eles, Rui Carvalho, Ana Cristina Rufino e Sérgio Henriques). Encontrei os primeiros exemplares desta espécie na Primavera de 2006, tendo efectuado mais recolhas em Outubro do mesmo ano, o que facilmente me fez perceber que a espécie deveria ser nova. Mas, como habitu-

almente, não poderia ter a certeza sem contactar um especialista estrangeiro, desta vez, o belga Robert Bosmans, que já tinha um trabalho de revisão deste grupo de aranhas em construção com Pedro Cardoso, ao qual enviei todos os espécimes que tinha capturado, à excepção de um casal que mantenho na minha colecção de referência pessoal. Além disso, acabei por verificar que um exemplar desta espécie também se encontrava no material da Catarina Prado e Castro e mais dois nas armadilhas que tinha montado em 2005, quando procurava mais exemplares da *Tegenaria barrientosi*. O facto acabou por se consumir e, neste momento, o artigo em que é descrita esta espécie aguarda publicação na mesma revista onde foram publicados os elementos relativos à *Tegenaria barrientosi*. Tudo isto é um processo que demora tempo, por vezes anos, até as espécies serem publicadas e referenciadas como novas, o que implica muitas horas no laboratório a analisar todos os caracteres do animal, dando especial ênfase às suas estruturas reprodutoras, que, normalmente, variam de espécie para espécie. Além disso, para saber se uma espécie é nova, é necessário comparar os referidos caracteres com os mesmos de muitas outras espécies do mesmo género, investigação só possível com acesso a boas colecções de museus, onde estão depositados os exemplares de referência a partir dos quais se descreveram as outras espécies (designados holótipos) e existem, normalmente,

boas fontes bibliográficas. Infelizmente, em Portugal, não existe nenhum museu com capacidade humana ou material para albergar novas descobertas nestes grupos, de forma que todos estes exemplares que constituem a referência para futuros trabalhos têm necessariamente de ser depositados no estrangeiro. Foi o que aconteceu com os holótipos destas duas espécies que estão depositados na Suíça e Bélgica.

Nas últimas semanas surgiram variadas comunicações sobre este assunto, em diversos órgãos de comunicação social, o que dá a ideia que descobrir duas novas espécies de aranhas é algo incomum. De facto, é normal que para o público em geral isto até possa parecer fora do vulgar porque pensam que já está tudo descoberto. Mas, na verdade, o conhecimento das aranhas só agora começa a ganhar forma, havendo ainda muito por descobrir. Nos últimos 10 anos foram descobertas cerca de 200 novas espécies para o país e cerca de 20 para a ciência em Portugal Continental. As ilhas são ainda um mundo completamente diferente, já que não existiram muitos pioneiros a trabalhar nesta área. Foram apenas duas as pessoas que estudaram as aranhas portuguesas com algum detalhe para a altura: Amélia Bacelar, na década de 1920 e 1930, e António de Barros Machado, na década de 1930 e 1940. Desde então, até à viragem do milénio, os estudos feitos em aranhas portuguesas podem contar-se pelos dedos de uma mão. Só há cerca de 10 anos se recomeçaram os estudos e, neste momento, um grupo de 10 “amadores” - que o faz por mera curiosidade - tem realizado trabalhos de forma sistemática. Como tal, casos de novas espécies de aranhas portuguesas são bastante comuns. Na verdade atrever-me-ia a dizer que qualquer pessoa pode descobrir uma nova espécie, nunca antes vista por alguém, num jardim perto de sua casa...

* Investigador da Universidade de Coimbra



Ao Largo

ENTREVISTA

LUGAR DOS LIVROS

RETRATO DE CORPO INTEIRO

CRÓNICA

Uma vida de cidadania activa

Marta Poiares e Pedro Dias da Silva

Artur Eduardo Brochado dos Santos Silva, 68 anos, é conhecido, sobretudo, como presidente do conselho de administração do BPI – Banco Português de Investimento. Descrito pelo jurista Miguel Veiga, num artigo publicado pelo semanário Expresso em 2002, como “personalidade de convicções, de causas, de sentidos e valores, que (...) age como um homem de pensamento e pensa como um homem de acção”, o seu percurso de vida e a competência no desempenho das funções inerentes aos cargos para as quais tem sido nomeado, fazem com que se destaque como pessoa de mérito no seio da sociedade portuguesa.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1963, foi docente na Faculdade de Direito como professor assistente entre 1963 e 1967, e, mais tarde, de 1980 a 1982, como regente da disciplina de Economia Financeira. Enquanto estudante frequentou o CITAC – Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, e desenvolveu uma militância antifascista, característica intrínseca da sua família, preconizada pelas condutas activistas do avô e do pai.

No seu percurso pessoal salienta-se o envolvimento na fundação do Partido Popular Democrático (PPD), em 1974, assim como o cargo de secretário de Estado do Tesouro, do VI Governo Provisório, liderado por Pinheiro de Azevedo, e o de presidente da Sociedade Porto 2001, em 1999, lugar de onde se demitiu a escassos meses do início da Capital Europeia da Cultura, em rotura com o ministro da tutela.

Actualmente, além de presidente da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, é ainda, desde Janeiro último, presidente do Conselho Geral da Universidade de Coimbra, uma das suas estruturas de governo.

Como encarou a sua eleição para presidente do Conselho Geral da Universidade de Coimbra (UC)?

Marcou-me profundamente a minha passagem pela Universidade de Coimbra como aluno, depois como assistente da Faculdade de Direito e já no início dos anos 90 como docente convidado. Devo muito à minha Universidade e à Cidade de Coimbra onde passei um tempo inesquecível da minha vida.

Por outro lado, constituiu para mim uma experiência recente muito enriquecedora ter participado durante perto de seis meses na Assembleia Estatutária que veio a aprovar o modelo de governo da Universidade, assim tendo podido aperceber-me melhor como pensam hoje alguns dos melhores da nossa Universidade. Tendo sido convidado para integrar o Conselho Geral como elemento externo, foi com muito gosto que aceitei tão estimulante desafio. Mais tarde, o plenário do Conselho Geral elegeu-me como Presidente, o que constitui para mim uma honra e uma grande responsabilidade. Espero que os elementos

Conselho Geral da UC

Órgão constituído por 35 elementos – entre professores, investigadores, estudantes, funcionários e personalidades convidadas – e cuja criação resulta da aplicação do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, tem como principais competências a eleição do Reitor, a aprovação das linhas gerais de orientação da Universidade e o seu plano anual, a designação do provedor do Estudante, a fixação do valor das propinas ou a deliberação sobre a criação, transformação, fusão ou extinção de unidades orgânicas.



Foto © Rui Ochoa – Expresso.

internos e externos à Universidade de Coimbra saibam encontrar o denominador comum de uma intervenção que contribua para a mudança que todos desejam para reforçar o papel da Universidade de Coimbra na sociedade portuguesa.

44

O Conselho Geral reúne apenas quatro vezes por ano. Desta forma, acha possível garantir o objectivo de ser sede de supervisão e estratégia da UC?

O número de reuniões do Conselho Geral é, no mínimo, trimestral. Porém, deverá reunir sempre que as circunstâncias o aconselhem ou determinem. Além disso, foi decidido que o Conselho se desdobrasse em três Comissões estruturais – Ensino e Investigação, Recursos, Auditoria e Controlo – além da Comissão de Reestruturação de Saberes, cabendo a esta última, no prazo máximo de vinte meses, apresentar um relatório ao Conselho sobre a magna questão da reestruturação de saberes da Universidade, após um amplo debate junto de toda a comunidade académica.

Esta organização do Conselho Geral permitirá em colégios mais restritos analisar as áreas fundamentais da vida da Universidade, facilitando a missão e a deliberação dos Conselhos Plenários.

Aliás, importa sublinhar que este modelo muito se aproxima do governo de grandes empresas em que

claramente se distingue a gestão estratégica, a aprovação dos instrumentos de gestão previsional, o acompanhamento e supervisão da sua execução - que compete ao Conselho Geral no caso da Universidade de Coimbra e nas empresas ao Conselho de Administração - da gestão e execução das políticas que cabe ao Reitor e às Direcções de todas as Unidades Orgânicas, quando nas empresas tal função cabe à Comissão Executiva, designada pelo Conselho de Administração.

Importa, também, salientar nas responsabilidades do Conselho Geral a eleição do Reitor e a aprovação de futuras alterações estatutárias.

O Conselho Geral aprovou, na totalidade, o orçamento geral da UC. Considera-o suficiente para fazer face às reconhecidas dificuldades financeiras que a universidade enfrenta?

O orçamento aprovado reflecte compromissos anteriormente assumidos e consagrados no Orçamento Geral do Estado para 2009 aprovado no final de 2008 pela Assembleia da República. Face à execução e à estimativa para o final deste exercício, só vai ser possível assegurar o equilíbrio financeiro utilizando saldos dos anos anteriores.

Impõe-se, no futuro, que a preparação do plano anual e do orçamento e a sua aprovação pelo Conselho Geral seja o ponto de partida para uma negociação de grande transparência e abertura recíproca entre a Universidade e o Ministério da Ciência e Ensino Superior.

O Ensino Superior português perdeu, nos últimos quatro anos, cerca de 30 por cento do financiamento do Orçamento de Estado. Qual é o impacto que estas dificuldades financeiras estão a provocar nas infra-estruturas da UC?

A generalidade das Universidades portuguesas teve que assumir encargos progressivos com pagamentos à Caixa de Aposentações, o que só passou a acontecer a partir de 2007, sem uma adequada revisão das contrapartidas financeiras do Estado. A única saída foi permitir usar os saldos de exercícios anteriores até ao montante de tais encargos. Está-se a viver de uma gestão criteriosa feita no passado sem atender às justificadas exigências do presente. Este caminho não estimula uma gestão racional e responsável.

Concorda com a tese que defende que a passagem das instituições de Ensino Superior a fundações públicas de direito privado é a melhor hipótese/modelo para o futuro das universidades portuguesas?

Entendo que o modelo fundacional está insuficientemente suportado para poder ser adoptado, sem mais. Importa esclarecer todas as suas implicações para poder decidir o melhor caminho.

Em princípio, o modelo agrada-me mais porque pode vir a conferir mais autonomia a uma Universidade do Estado.

O défice na concepção e avaliação estratégica, na organização e coordenação dos órgãos de governo e na circulação da informação foi recentemente apontado como uma deficiência da Universidade de Coimbra. Em sua opinião o Conselho Geral está a conseguir superar estas dificuldades pré-existentes?

O Conselho Geral concentrou a sua actuação inicial na clarificação do seu modelo organizacional e na respectiva regulamentação, bem como numa discussão muito ampla sobre a estratégia e a situação económico-financeira da Universidade. A aprovação do Plano e Orçamento para 2009 supôs já a adopção de um conjunto de medidas com relevante impacto no funcionamento da Universidade.

Porém, importa salientar que só a partir de 1 de Janeiro de 2011, as Faculdades de Medicina e Ciências

deixarão de dispor de autonomia financeira, o que condiciona uma mais eficiente gestão dos recursos da Universidade de Coimbra. Até lá importa assegurar uma adequada articulação que permita racionalizar da melhor forma o funcionamento de toda a Universidade.

O facto de o Conselho Geral incluir 10 “personalidades de reconhecido mérito, externas à Universidade de Coimbra” fez com que algumas vozes se tivessem levantado e questionado sobre o peso que determinadas empresas, às quais essas personalidades estão ligadas, pudessem vir a ter na tomada de decisões que afectam directamente os estudantes que, por seu lado, viram o seu peso deliberativo reduzido em relação ao órgão anteriormente existente, o Senado da UC. Que comentário lhe suscita esta questão?

Todos os elementos, de acordo com o Regimento do Conselho Geral da Universidade, devem abster-se de participar na discussão e votação de qualquer assunto relativamente ao qual tenham um conflito de interesses. Dos 10 elementos externos que integram o Conselho Geral só quatro estão ligados à administração de empresas. Estou certo que os interesses a que estão associados, de muito limitado impacto nas actividades da Universidade, nunca irão pôr em causa a independência que lhes é exigida no exercício das suas funções.

Como é que descreveria as relações institucionais existentes entre os três órgãos de governo da UC – Conselho Geral/Reitor/Conselho de Gestão?

Já anteriormente aludi ao papel do Conselho Geral e do Reitor. O Conselho de Gestão, presidido pelo Reitor, deverá assegurar a gestão administrativa, patrimonial, financeira e dos recursos humanos da Universidade.

Actualmente, vivemos numa conjuntura de crise generalizada. Pensa que o Ensino Superior dota os alunos de ferramentas capacitantes que lhes permita lidar com situações desta natureza?

A Universidade deve interagir mais com a envolvente onde os seus licenciados irão integrar-se, a fim de estruturar os planos de ensino mais de acordo com as necessidades do mercado. Tem que constituir uma grande preocupação dos responsáveis universitários assegurar a empregabilidade daqueles que formam e acompanhar sistematicamente as suas carreiras.

Um estudo recente, realizado pelo Centro de Investigação de Políticas de Ensino Superior, da Universidade do Porto, revelou que os estudantes do Ensino Superior colocam “vocação” à frente de “empregabilidade”. Pensa ser esta uma das razões pelas quais se explica a taxa de desemprego e precariedade na União Europeia? Enumeraria outras?

É fundamental que cada um escolha o seu caminho de acordo com o que sente ser a sua verdadeira vocação. Impõe-se, porém, melhorar muito, desde o grau básico, o ensino da língua Pátria e da Matemática, sensibilizando, também, as crianças e os jovens para as Ciências e Tecnologia. Só com uma maior percepção de tudo o que pode ser proporcionado por uma formação superior permitirá a cada um sentir a sua vocação. Por outro lado, é importante que os empregadores se preocupem em sensibilizar proactivamente os jovens para as oportunidades profissionais que lhes podem ser oferecidas.

“Só com uma maior geração de conhecimento e a sua transformação em valor económico poderá o nosso País recuperar do atraso que o afasta da média da União Europeia e, em geral, dos países mais desenvolvidos”

Recentemente, afirmou ser fundamental “que haja uma obsessão em aumentar o esforço de políticas de investigação, desenvolvimento e inovação (IDI)”. Em que sentido é que as considera essenciais?

Os países que evidenciam maior capacidade competitiva são aqueles que fizeram um esforço sistemático e sustentado de IDI. Foi esse em geral o caminho seguido pelos países nórdicos, que neste domínio, em regra, lideram à escala mundial, com particular destaque para a Finlândia. As graves dificuldades que estamos a viver não podem pôr em causa o objectivo de continuar a aumentar o esforço de IDI cuja evolução tem vindo a dar sinais muito positivos. Só com uma maior geração de conhecimento e a sua transformação em valor económico poderá o nosso País recuperar do atraso que o afasta da média da União Europeia e, em geral, dos países mais desenvolvidos.

Em Janeiro deste ano, Fernando Seabra Santos, reitor da UC, afirmou existir “vontade política de estrangular” o Ensino Superior quando as Universidades são “afogadas” com tentativas de reforma num “enquadramento financeiro incompreensivelmente difícil”. Acha que faz sentido aplicar estas reformas, no cenário económico actual?

As reformas devem ser realizadas mesmo no quadro de uma dramática crise económica internacional. Ao definir mais rigorosamente as prioridades, há que considerar que só com uma melhor Universidade, mais aberta ao exterior e mais intensamente usada por todos os agentes económicos, poderemos progredir.

A Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (CNCCR), que preside, tem um orçamento de 10 milhões de euros para gerir até 2011. Considerou-os publicamente “meios austeros”. São, efectivamente, insuficientes para as ambições da comissão?

Os meios de que a CNCCR dispõe são austeros, mas suficientes.

Enquanto presidente da CNCCR compete-lhe propor, organizar e ordenar as Comemorações dos 100 anos. Do que está previsto acontecer, o que destacaria?

Para lá da celebração de uma relevante mudança de regime político, constituem eixos muito relevantes da programação – “República nas Escolas”, “República e Academia”, “República e Ciência”, “República das Letras”, “República e Cidadania” e “República nos Municípios”.

A implantação da República é um dos momentos mais marcantes da nossa História, com uma profunda influência na nossa vida política, social e cultural - uma acentuada afirmação da liberdade e da cidadania, o combate à pobreza e à desigualdade, a construção do Estado de Direito.

Haverá, pois, que afirmar, divulgar e celebrar os ideais e as realizações da República, projectando para o futuro o que de mais nobre marcou o republicanismo, confrontando tal ideal com os grandes desafios que se colocam hoje à sociedade portuguesa.

A programação propõe-se mobilizar todo o País para o que será fundamental ter o activo envolvimento das autarquias para estar mais perto dos cidadãos. A Escola e a Universidade são fundamentais porque é a pensar nos mais novos que tudo deve ser feito.

Gostaria, aliás, de salientar que a Universidade e a Câmara Municipal de Coimbra estão a articular uma programação de participação nas Comemorações especialmente diversificada e marcante.

Pensa que a escola, enquanto instituição, cumpre actualmente o papel de definir os ideais republicanos, formando cidadãos responsáveis?

Impõe-se reforçar a educação para a cidadania daí que o eixo República nas Escolas irá procurar contribuir para que o ensino básico e secundário assumam melhorar o seu papel nesta matéria.

O facto de ocupar inúmeros cargos de decisão, cuja correcta gestão implica uma disponibilidade permanente, permite-lhe ter tempo “para si”?

Entendo que a actividade profissional só tem sentido se não puser em causa a nossa plena realização pessoal. Os grandes ideais, o papel da família, os amigos e os centros de interesse têm que ter o seu lugar. Como dizia Abel Salazar, “o médico que só sabe medicina, nem de medicina sabe”.

Sempre procurei envolver-me numa cidadania activa para além das responsabilidades profissionais. Todos devemos procurar contribuir para que a sociedade funcione melhor. A minha vida foi marcada pela participação política desde a minha passagem por Coimbra até à adesão em 1968 à Acção Socialista, em 1970 à Sedes (de que ainda sou membro), ao lançamento do PPD (de que me afastei em Dezembro de 1975), tendo ainda apoiado o Movimento Reformador (liderado por António Barreto).

Enquanto fui Presidente Executivo do BPI não exerci qualquer outro cargo em empresas. Porém, desde 2002, sou administrador não executivo da Fundação Calouste Gulbenkian. Quando em 2004 cessei funções executivas, vim a aceitar o convite para ser também administrador não executivo da “Jerónimo Martins”, empresa com grande impacto no nosso País e na Polónia.

No plano do ensino, participei ou ainda participo em vários órgãos consultivos da Universidade do Porto, de Coimbra, de Aveiro e da Universidade Nova de Lisboa. Recentemente, cessei funções no Conselho Superior da Universidade Católica Portuguesa por incompatibilidade com a participação no Conselho Geral da Universidade de Coimbra.

No início de Junho, terminou o meu mandato como Presidente da COTEC, associação que visa promover a inovação em Portugal e reforçar a competitividade das empresas portuguesas. Uma das grandes prioridades de acção da COTEC é contribuir para que o conhecimento gerado nas Universidades seja transformado em valor económico.

Até ao final de 2010, as Comemorações do Centenário da República irão absorver-me, embora a Comissão integre mais quatro elementos, dois dos quais com responsabilidades permanentes.

A participação em todo este tipo de funções só tem valorizado a minha melhor compreensão do momento que vivemos e para onde caminhamos.

E é muito gratificante sentir que estamos a retribuir algo do muito que recebemos ao longo da nossa vida.

Lugar dos Livros

Título: As Antiguidades da Lusitânia

Autor: André de Resende. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Estabelecimento do texto latino de Sebastião Tavares de Pinho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Volume III da colecção “PORTVGALIAE MONUMENTA NEOLATINA”

Coimbra 2009

Esta obra do Antiquário eborense, representa a primeira descrição do quadro histórico e cultural em que Portugal se fundou e cresceu. Nela se podem apreciar as características étnicas e a vida das gentes que povoaram as regiões que em grande parte se tornaram no que é hoje o território português, em particular a saga dos lusitanos, e bem assim a variada estrutura geográfica e as condições naturais do próprio território, reunindo para isso pela primeira vez um precioso caudal de documentação sobre a história da antiga Lusitânia. E tudo num estilo literário próprio de um dos maiores humanistas portugueses de sempre.

Título: A Recepção de Freud em Portugal (1900- 1956)

Coordenação: CEIS20

Autor: Alírio Queirós

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2009

Verificar a presença do mestre de Viena em Portugal, desde o início do século até à comemoração do centenário do seu nascimento, impunha calcar os diversos caminhos que o conhecimento percorreu neste meio século. Se não tão forte na opinião pública representativa, já nas camadas intelectuais e científicas, especialmente nas congéneres da psicologia e psiquiatria, encontramos ecos de uma marca muito importante e de valor cientificamente sólido, tendo

em conta o interesse dos escritos existentes certificados, aliás, pela excelente qualidade dos nossos pensadores, tantas vezes esquecidos.

Título: Reais Hospitais Militares em Portugal (1640-1834)

Autor: Augusto Moutinho Borges

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2009

De 1640 a 1834, os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus foram os responsáveis pela administração e corpo de enfermagem dos Reais Hospitais Militares em Portugal.

A importância arquitectónica dos imóveis é realçada pela forma como se encontravam implantados e construídos, dando-nos uma dimensão da importância científica que os núcleos assistenciais tiveram, contribuindo para a difusão do culto de S. João de Deus em Portugal.

Título: Intervenção em Rede. Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social

Autor: Sónia Guadalupe

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2009

O livro aborda a relação do Serviço Social com a Sistémica, perspectiva que enquadra epistemologicamente os conteúdos nele desenvolvidos, permitindo situar o conceito de rede social, equacionar a avaliação do suporte social, os modelos de intervenção em rede e o posicionamento profissional na intervenção comunitária.

Apoiada pela investigação e reclamada pelas políticas sociais de nova geração, o livro pretende constituir-se como fonte de (in)formação para que os (futuros) interventores sociais sejam capazes de equacioná-las, através do acesso a instrumentos de diagnóstico e planificação da sua acção.

Título: A Taxa de Juro *Overnight* e a sua Volatilidade

Autor: Fátima Sol Murta

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2009

Os mercados interbancários de reservas desempenham um papel importante: é através deles que as instituições bancárias gerem a sua liquidez, é neles que se formam as taxas de juro de curto prazo, em especial a taxa de juro *overnight*, que influencia toda a estrutura de prazo das taxas de juro e que é, em muitos casos, a taxa de juro que o banco central controla, de modo a influenciar as outras taxas de juro da economia.

O objectivo deste trabalho é estudar o Mercado Monetário Interbancário Português (MMI) e a forma como nele se determina e comporta a taxa de juro *overnight* em dois períodos distintos, antes e depois do início da terceira fase da UEM.

Título: Teófilo Braga, Antero de Quental e Ramalho Ortigão.
Diálogos Difíceis

Autor: Amadeu Carvalho Homem

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2009

Este livro nasceu do desejo de fazer cruzar os olhares de Teófilo Braga, Antero de Quental e Ramalho Ortigão sobre os grandes problemas intelectuais, políticos e morais do tempo em que viveram. Comparar a porfiada erudição de Teófilo Braga com o rasgo metafísico e angustiado de Antero e com a pedagogia de Ramalho Ortigão, tantas vezes propensa ao tradicionalismo, é vislumbrar o mundo plural das opções da chamada “Geração de 70”. As dificuldades deste diálogo permitem vislumbrar os grandes dilemas do Portugal finissecular oitocentista, expostos e vividos por personalidades de excepção.

Título: Vegécio. Compêndio da Arte Militar

Autor: João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2009

Trata-se da edição bilingue (Latim-Português) da *Epitoma Rei Militaris*, um tratado de arte militar elabo-

rado entre finais do séc. IV e meados do séc. V d.C. por Flávio Vegécio Renato, um alto funcionário do Baixo-Império Romano. Este tratado, que compendia os escritos dos principais estrategos militares romanos do passado (Catão, Celso, Frontino, etc.) foi uma das obras clássicas mais copiadas e traduzidas em todo o Ocidente europeu até 1300, tornando-se num verdadeiro *best-seller*, tanto nos meios laicos como eclesiásticos. A tradução que agora se publica (com assinatura de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga) é precedida de um Estudo Introdutório de 170 páginas sobre o exército romano (por João Gouveia Monteiro) e completada por 300 Comentários e Notas (da responsabilidade do mesmo autor).

Título: Imaginação e Literatura

Coordenação: Rita Marnoto

Edição: Instituto de Estudos Italianos da FLUC

Série Leonardo, n.º 5

Coimbra 2009

Este volume reúne as conferências apresentadas ao *Quarto Encontro de Italianística, Imaginação e Literatura*, organizado pelo Instituto de Estudos Italianos em Maio de 2008, por ocasião da X Semana Cultural da Universidade de Coimbra, que teve por tema *Imaginação*.

Portentosa fonte de saber, espaço de divertimento lúdico e deleite, factor identitário, motor do dinamismo histórico e, evidentemente, cerne do literário, a imaginação é como que o trampolim que leva da experiência ao conhecimento, do conhecimento à compreensão. A sua abrangência é tal, que coloca lado a lado o plano da formulação das hipóteses, nas ciências, e o plano da ficção criativa, na literatura e nas outras artes.

As três secções em que a obra se divide são dedicadas a um *Itinerário na literatura*, que vai do mais recente ao mais recuado, começando pela literatura de 1968 (Giulio Ferroni, Maria Luísa Malato, Manuel Ferro, Daniela Di Pasquale, Ana Maria Machado); à *Didáctica do italiano* (Lino Mioni, Alberto Sismondini); e a *Questões teóricas* (Stefano Jossa, Rita Marnoto).

Título: Francisco Levita, Negreiros-Dantas. Uma página para a história da literatura nacional. Óscar, Pereira São-Pedro (Pintor), Tristão de Teive, Príncipe de Judá, Coimbra Manifesto 1925

Autor: Rita Marnoto

Edição: Fenda

Lisboa 2009

Neste livro, faz-se a edição e o estudo de dois manifestos futuristas publicados em Coimbra por estudantes da Universidade.

O primeiro é de Francisco Levita, saiu em 1916, e intitula-se *Negreiros-Dantas. Uma página para a história da literatura nacional*. O seu autor era um estudante de Direito, recordado nas memórias da academia pela sua extravagância e pelo seu refinado gosto. De entre os seus arrojados, conta-se uma ida ao Palace do Buçaco, onde escandalizou os presentes com uma ementa futurista. A desafiar Almada Negreiros, houve muitos, mas a fazê-lo como futurista, Levita teria sido um dos poucos.

O segundo, *Coimbra Manifesto 1925*, que andava perdido, foi escrito por quatro estudantes, que usaram pseudónimos: Óscar (Mário Coutinho); Pereira São-Pedro (Pintor) (João Carlos Celestino Gomes); Tristão de Teive (Abel Almada); e Príncipe de Judá (António de Navarro). Formaram o chamado *movimento futurista de Coimbra*.

No ensaio que acompanha a edição, Rita Marnoto mostra que de modo algum se tratou de manifestações isoladas, e que o segundo dos manifestos é um antecedente fulcral da revista *Presença*.

Título: Frühe deutsche wissenschaftliche Ansichten der Literatur und Geschichte Portugals: Friedrich Bouterweks *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit* (1805) und Heinrich Schäfers *Geschichte von Portugal* (1836-1854)

Autor: Winfried Kreutzer

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos e MinervaCoimbra, Cadernos do CIEG, n.º 31

Coimbra 2008

O presente *caderno* – resultante de uma série de conferências realizadas pelo Prof. Doutor Winfried Kreutzer, da Universidade de Würzburg, no âmbito de um curso de

Mestrado sobre «Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs» (coordenado por Maria Manuela Gouveia Delille) na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2004 – oferece uma descrição e interpretação, sob vários aspectos e perante o pano de fundo da respectiva época, da obra pioneira de Bouterwek, nascida no contexto mental do Romantismo alemão, e da monumental *História de Portugal* de Schäfer (cinco volumes, desde os inícios da nação até 1820), que sem dúvida representa, até fins do século XIX, a abordagem mais notável desta matéria da autoria de um erudito estrangeiro.

Título: Uma Biografia «Moderna» dos Anos 30. *Magellan. Der Mann und seine Tat* de Stefan Zweig

Autor: Maria de Fátima Gil

Edição: MinervaCoimbra e Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos Coleção Minerva/CIEG, 15

Coimbra 2008

O presente volume, que constitui uma versão refundida da dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pela autora, em 2005, insere-se no projecto do CIEG «Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e de Hermenêutica Intercultural» (coord. Maria Manuela Delille). Integrando a conhecida biografia de Stefan Zweig sobre Fernão de Magalhães na respectiva série literária, na restante obra do escritor e ainda na situação política e cultural europeia do final dos anos 30, este trabalho põe em relevo quer a modernidade do texto zweiguiano no tratamento da figura histórica, quer o seu empenhamento pelos valores humanísticos da civilização ocidental.

Luís Quintais – poesia de corpo inteiro

Um olhar céptico sobre o mundo

Marta Poiares

Luís Quintais tinha 17 anos quando percebeu a urgência em escrever. Num discurso imerso em palavras convictas, diz que não se escreve sem ser um leitor, encarando a escrita como uma resposta àquilo que lê. O confronto massivo com uma tradição literária levou-o a tentar procurar uma espécie de linha de fuga de que continua à procura: “Não quero ficar soterrado na memória. Essa procura tem a ver, claramente, com uma resposta”.

Diz ter horror à confissão, mas assume a sua escrita como autobiográfica. Diz que a escrita é tanto fruto de trabalho, como de inspiração, mas não sabe exactamente o que o inspira: “Diz respeito às nossas solicitações mais viscerais, é um lugar muito misterioso. A graça da coisa está aí, não saber exactamente o que é”.

A descoberta dos poetas simbolistas franceses e da grande poesia anglo-americana foram momentos decisivos nesse percurso literário. Dos lugares construídos com letras que revisita de forma constante, destaca a poesia portuguesa do século XX: “A relação com a tradição ou com uma determinada noção de memória literária que se relaciona com as potencialidades expressivas da nossa língua, em particular, é algo que me interessa bastante”.

Se tivesse que isolar autores – tarefa penosa para um leitor eclético e insaciável –, destacaria Rimbaud, Baudelaire, T.S.Eliot, Wallace Stevens ou Ezra Pound. No que diz respeito aos poetas portugueses,



“Pessoa é obviamente uma figura tutelar”, mas “algumas figuras que emergem, sobretudo, a partir das décadas de 60 e 70, como Luíza Neto Jorge, Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, António Franco Alexandre, Ruy Belo e Herberto Helder”, são poetas que também o marcaram. “Sofro de ansiedade literária, quero ler e conhecer tudo”, sublinha.

Mais recentemente, descobriu na poesia de Herman Melville – “talvez o grande paradigma da ficção americana à sombra tutelar do qual se acolhem diversos escritores” – uma opacidade profundamente enigmática, que no fundo, acredita ser a mesma do mundo. Tem *Moby Dick* como livro de cabeceira e identifica-se com a ideia *melvilliana* do “poder descomunal que a natureza tem sobre o sujeito”.

Para além de poeta, é antropólogo, ensaísta e lecciona no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, mas o “humilde nicho” que diz ocupar no universo em redor é preenchido pelas pequenas-grandes coisas do quotidiano: “Um leitor sem tempo para ler e um pai que muitas vezes não tem tempo para dar atenção aos filhos”.

Herança sem testamento

Nasceu em 1968, em Luena (Angola), mas do seu mapa de afectos, faz também parte Lisboa, cidade em que desenvolveu uma existência pessoana que é hoje, ainda mais intensa, e um onirismo indisciplinado que nunca mais voltou a conhecer. Antropólogo atípico, de pessimismo à flor da pele, e *ballardiano* assumido, Luís Quintais sempre recusou toda a espécie de optimismo histórico, descrendo da ideia de que o humano tudo pode: “Os humanos são muito mais limítrofes e periféricos à natureza. Não tenho muitas ilusões acerca da ideia de que ocupemos um lugar assim tão importante no mundo natural”.

Foi com o livro de estreia *A Imprecisa Melancolia*, publicado em 1995 sob a chancela da editora Teorema, que ganhou o primeiro prémio, *Aula de Poesia de Barcelona*. Ainda nos anos 90, encontrou nova casa na editora Cotovia, quando trabalhava em Lisboa, na Rua do Loreto, com os tios e primos numa pe-

quena empresa de contabilidade e auditoria que já não existe. Publicou ainda, pela Cotovia, *Lamento* (1999), *Umbria* (1999), *Verso Antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto Onde* (2006) e *Mais Espesso que a Água* (2008).

Com *Duelo*, recebeu o *Prémio Pen Clube de Poesia* e o *Prémio Luís Miguel Nava – Poesia 2005*, mas não procura, de todo, o reconhecimento: “Se alguém me leu e se sentiu mudado pela escrita ou sentiu um apelo ao ponto de querer celebrar o meu trabalho é muito gratificante, no entanto, acho que não deve ser procurado. Quando tentamos escrever para muita gente, acabamos por não escrever para ninguém”.

Como poeta, está representado em diversas antologias, encontrando-se traduzido em inglês, alemão, castelhano, francês e croata. Apesar disso, acredita que há certas dimensões da escrita e da linguagem que não são passíveis de ser traduzidas, como o som: “A tradução está muito mais do lado do sentido do que do som, e o som tem uma dimensão visceral. É o que nos move e que implica a nossa memória incorporada, algo decisivo na escrita”.

Na poesia de Luís Quintais, desenham-se limites. Abstractos ou concretos, da mente e do corpo. “Eu acho que a minha poesia tem muito a ver com uma reflexão sobre aquilo que não é traduzível na experiência humana. Aquilo que escapa à linguagem. Os limites da linguagem”.

Como antropólogo, tem publicado ensaios em diversas revistas da especialidade sobre as implicações sociais e culturais do conhecimento biomédico, em particular sobre a psiquiatria e seus contextos. Actualmente, trabalha sobre as relações entre arte, ciência e cognição.

Entre antropologia e literatura, constrói várias pontes, sublinhando que as duas áreas se alimentam mutuamente. Para o poeta, “a antropologia é uma ciência humana, objectiva, neutral, um projecto científico muito hibridizado que lida com uma acepção literária muito significativa”. Professor da cadeira *Antropologia e Literatura*, que lecciona em

parceria com Osvaldo Silvestre, procura precisamente onde se situa essa influência: “Ver até onde vai essa relação, tentar perceber até que ponto a literatura pode ser encontrada na antropologia e vice-versa”. Enquanto professor, gosta de ensinar, mas não gosta de avaliar. Entusiasma-o a possibilidade de encontrar em alunos verdadeiros interlocutores: “Gosto de observar a forma como as pessoas alimentam o imaginário delas através daquilo que lhes transmitimos”.

Membro-residente de Os Livros Ardem Mal (OLAM) – mensário da actualidade editorial que acontece no Teatro Académico de Gil Vicente –, Luís Quintais considera a iniciativa essencial como forma de alimentar a democracia: “É um espaço ligado à crença – perfeitamente incorrigível – na possibilidade de criar um espaço público de discussão de ideias, de forma densa e rica, algo que deixou de fazer parte da geografia do presente”. Juntamente com Osvaldo Silvestre, António Apolinário Lourenço, Rui Bebiano e Catarina Maia – “pessoas com essa sensibilidade” – procura contrariar a tendência de afastamento da literatura do espaço público. Destes dois anos de OLAM, destaca as sessões com Irene Flunser Pimentel, Adolfo Luxúria Canibal e António Pinho Vargas.

Não acredita em projectos messiânicos de transformação do mundo e crê que estão profundamente datados, sendo até catalizadores de tragédias recentes: “A guerra do Iraque é um exemplo da ideia perigosa de que podemos impor o nosso conceito de sociedade aos outros. Sou muito crítico e céptico em relação a isso. Acho que nada é reformável”.

Se fizesse uma *autópsia do novo milénio*, detectaria uma imagem que poderia ser bela, mas sem certezas de ser feliz: “Um universo caótico de destruição pode ser belo, mas não sei se será muito feliz. E essa possibilidade não é sobrestimada”.

Para Luís Quintais, o melhor é nem compreender o mundo, pois “cada vez que tentamos fazê-lo, acrescentamos descomplexidade à complexidade”.



Paranóia

Manuel Quartilho *

We think too much and feel too little; more than machinery, we need humanity; more than cleverness, we need kindness and gentleness; without those qualities life will be violent and all will be lost. Charlie Chaplin

Os psiquiatras recorrem frequentemente a termos clínicos que designam comportamentos individuais de hipervigilância ou desconfiança patológicas. São comportamentos que reflectem a existência de psicopatologia, de sinais e sintomas que caracterizam o chamado espectro clínico paranóide. No jargão psiquiátrico, o profissional de saúde refere-se à personalidade paranóide, à perturbação paranóide e à esquizofrenia paranóide, para designar estas alterações do comportamento individual. São expressões que têm, aliás, um respeitável antecedente histórico, a paranóia, um termo com múltiplos significados que pode reflectir hoje, de um modo simples, uma crença irrealista na possibilidade de outras pessoas nos quererem fazer mal, prejudicar ou enganar. É portanto uma paranóia do quotidiano, regular, um extremo benigno do espectro paranóide, uma atitude e um estilo de pensamento que se alimentam da incerteza e da ambiguidade das coisas.

Recentemente, o jornal Público fez 12 perguntas sobre atitudes sociais e políticas a duas gerações de portugueses, dos 17 aos 19, e dos 35 aos 37 anos de idade. Uma das perguntas foi assim formulada: “Em geral, acha que se pode confiar na maior parte das pessoas, ou, pelo contrário, acha que todo o cuidado é pouco?” 78% dos inquiridos com idades entre os 17 e os 19 anos responderam que “todo o cuidado é pouco”. 73% dos inquiridos com idades entre os 35 e 37 anos responderam do mesmo modo.

A paranóia não está portanto confinada ao domínio estrito da doença mental. Infiltra hoje o espaço público, longe dos contextos clínicos ou do desvio psicopatológico.

Caracteriza-se por uma desconfiança recorrente não apenas em relação ao próximo mas também em relação a figuras de poder ou a grupos profissionais. É uma paranóia em crescendo, insuportável, alimentada por narrativas solidamente implantadas no espaço intersubjectivo das conversas comuns. Os médicos querem ganhar dinheiro. Os professores não querem trabalhar. Os árbitros são gatunos. Os jornalistas estão comprados. Os políticos são corruptos. Os advogados fazem batota. Quanto mais ouvimos e lemos sobre um determinado assunto, sobretudo quando se trata de matéria emocional, maior o impacto. Somos susceptíveis, sugestionáveis, facilmente influenciáveis pela aparência das coisas, mais do que pela realidade dos factos.

Jornalismo também é emoção. E pode suscitar, nos consumidores, respostas emocionais contraditórias. Um estudo feito na sequência do 11 de Setembro encontrou mais casos de stress pós-traumático nas pessoas que passaram mais horas junto da televisão, confrontadas com os efeitos brutais da tragédia. A comunicação social conta histórias de assassínio e morte, de preferência com culpados, em cenários horríveis que fascinam o cidadão comum. Prefere muitas vezes a novidade de um assalto violento à rotina trágica da fome em África. O horror vem de longe, às vezes de perto, mas o sofrimento é transmitido à distância, metamorfoseado em estética comunicacional, banalizado pela televisão, consumido no conforto das poltronas domésticas. Está disponível,

no dia em que este texto é escrito, um vídeo sobre um pai que assassinou o filho de 4 anos, atirando-o de uma ponte australiana com 18 metros de altura. Ontem, era dado particular realce a um casal americano que resolveu acabar com a própria vida e a dos quatro filhos, depois de ficar desempregado. Ou seja, perante uma exibição quase ostensiva das notícias e das imagens de horror, corremos o risco de trivializar o sofrimento alheio e de transformar, nós próprios, uma experiência humana de catástrofe num produto de consumo regular, à distância.

As capas de revista e as primeiras páginas dos jornais podem também convencer-nos que as figuras de autoridade, as pessoas que elegemos democraticamente, têm pés de barro. Por termos a capacidade de distorcer a informação recebida, concluímos que os políticos mentem, que os professores, os juizes ou a polícia não são credores, afinal, da respeitabilidade que lhes é devida. E as histórias que o comprovam, geralmente pouco consistentes, superficiais ou contraditórias, invadem o espaço público. A denúncia de actos ilícitos ou de comportamentos que violam a lei, nos jornais ou na Internet, as pesquisas que visam o apuramento da verdade, em contextos de dúvida pública, são um contributo positivo da comunicação social. Mas o cepticismo saudável, para muitas pessoas, pode ser ultrapassado por uma quebra total de confiança no próximo, suscitando emoções negativas. Tal acontece quando ficamos convencidos que os ministros nos escondem coisas, ou quando ficamos certos de que os políticos ou alguns grupos profissionais, afinal, defendem apenas os seus interesses. Ou quando achamos que “todo o cuidado é pouco”. Ora, estas atitudes configuram a paranóia dos tempos modernos, uma atitude baseada na presunção de que, afinal, toda a gente mente, dissimula, ou não merece confiança.

A realidade não deve ser confundida com as nossas interpretações, dado que uma atitude paranóide pode também depender da maneira como interpretamos o que acontece. É mais característica de pessoas que têm tendência a andar preocupadas, a alimentar

sentimentos negativos sobre si próprias e os outros, zangadas com o mundo. Depende de experiências prévias, de influências sociais e económicas, do estado emocional, das memórias, da personalidade e do estilo de pensamento. As emoções, neste conjunto, têm uma especial importância. Eventualmente, contribuem para uma distorsão do objecto de análise. Se nos sentimos mal connosco, vulneráveis, podemos assumir que as pessoas à nossa volta partilham de uma apreciação negativa em relação a nós. E se ao mesmo tempo acreditarmos que os outros são maus, então sentimo-nos facilmente à mercê dos seus ataques ou incriminações. Em suma, a paranóia alimenta-se do mal-estar individual e colectivo. E regressa sempre à vida social para perpetuar a suspeita, a desconfiança,



sacrificando a qualidade de vida dos cidadãos. Os factores que justificam uma eventual expansão da paranóia incluem, neste contexto particular, uma interacção entre o modo como pensamos, o modo como avaliamos o risco de sermos enganados, e o poder invasivo da comunicação social. Noutros contextos, os fenómenos de urbanização e o isolamento social associado, a flexibilização do mercado de trabalho, o declínio da coesão e das relações de solidariedade entre as pessoas, bem como as experiências pessoais de migração e vitimização, contribuem igualmente, a seu modo, para a expansão da atitude paranóide.

Mas, as situações de privação e a pobreza relativa, o grau de desigualdade entre os mais ricos e os mais

pobres, unem os factores mencionados. Quanto maiores as desigualdades socio-económicas numa determinada sociedade, mais problemas com o baixo estatuto social, com os sentimentos de inferioridade e subordinação dos mais vulneráveis; quanto maiores as desigualdades, maior a deterioração na qualidade das relações sociais, com aumento da violência e redução da confiança interpessoal e da participação na vida da comunidade. Ou seja, a desigualdade social costuma associar-se a menores níveis de empenhamento cívico e de participação nas tarefas da comunidade, a menores índices de coesão e confiança interpessoal. Uma sociedade com um desnível acentuado de rendimentos, caracterizada por um fosso crescente entre ricos e pobres, é uma sociedade não saudável, que causa mal-estar, que promove o conflito e a suspeita generalizada.

O modo como os portugueses se vêem a si próprios, ao longo dos anos, constitui um exemplo de mal-estar continuado e mais um motivo para focarmos a nossa atenção no espaço social. Os portugueses estão deprimidos? Têm uma baixa auto-estima? Existe mal-estar na sociedade portuguesa? Um dos testemunhos mais recentes veio da SEDES. Segundo o comunicado divulgado por esta associação, em Fevereiro de 2008, a sociedade portuguesa é caracterizada por “um mal estar difuso, que alastra e mina a confiança necessária à coesão nacional”. Invocando uma ética de responsabilidade, os signatários do documento chamam a atenção para “os sinais de degradação da qualidade da vida cívica” e apelam à promoção de “princípios éticos de decência na vida política e na sociedade em geral”. Ora, a verdade é que o bem-estar das pessoas depende, pelo menos em parte, de factores históricos e culturais. Desde 1973, a União Europeia tem estudado amostras nacionais representativas, com perguntas sobre o bem-estar subjectivo dos seus membros, e os resultados têm documentado diferenças significativas e estáveis quanto ao grau de satisfação global nas diferentes sociedades. No inquérito de 1998, por exemplo, mais de 65% dos dinamarqueses



referiram estar globalmente “muito satisfeitos” com as suas vidas; no outro extremo da escala, apenas 5% dos portugueses responderam estar “muito satisfeitos”. Em anos sucessivos, os dinamarqueses mostraram uma tendência consistente para referir elevados índices de satisfação global, cerca de 5 vezes mais do que os franceses ou italianos e aproximadamente 12 vezes mais do que os portugueses. Ora, estas diferenças transnacionais não podem ser atribuídas a problemas de tradução ou a diferenças na prevalência de sintomas depressivos, do mesmo modo que não reflectem, seguramente, diferenças genéticas entre os povos respectivos. De algum modo, podemos dizer que as características das pessoas variam em função do local onde vivem. Se nos relacionarmos com pessoas hostis, é pouco provável mantermos o bom humor. Se os automóveis não param nas passadeiras, deixamos de ter confiança nos condutores. Onde quer que haja desconfiança, desconfiamos. Ou seja, as características das pessoas, quando se repetem ao longo do tempo, passam a ser características dos lugares onde vivem. Logo, se queremos melhor qualidade de vida, não basta olharmos para nós próprios. Temos que olhar para a sociedade em que vivemos. Neste sentido, a evidência sugere que os índices de cooperação e confiança interpessoal na comunidade, ou aquilo a que se convencionou chamar capital social, melhoram o bem-estar das populações. No Brasil, apenas 5% da população diz que é possível confiar na generalidade das pessoas, em contraste com um valor de 64%, na Noruega. Num estudo original, os investigadores abandonaram algumas malas em plena via pública, em diferentes países, contendo o nome e morada do proprietário. A proporção de malas devolvidas foi superior na Escandinávia, em consonância com os números acima mencionados. O capital social representa uma espécie de recurso económico e constitui um sólido indicador de qualidade de vida nas diferentes sociedades, ao reflectir o grau de coesão social, o grau em que as pessoas confiam

umas nas outras e participam na vida comunitária. A nossa qualidade de vida, afinal, não implica apenas a satisfação de necessidades básicas e sociais. Requer autonomia para que possamos apreciar a vida, florescer e participar como cidadãos numa sociedade onde haja integração cívica, coesão social, confiança interpessoal e outras normas integradoras, incluindo justiça e equidade, num ambiente global física e socialmente sustentável. Na ausência de receitas milagrosas para o nosso bem-estar, para a felicidade ou para a qualidade de vida, é verdade que existem ingredientes indispensáveis a uma boa confecção. O desemprego e as suas consequências, por razões ligadas a um isolamento social forçado, é um problema crucial dos tempos que correm e um iniludível factor de mal-estar, que requer atenção e medidas apropriadas. As potencialidades de cada cidadão não devem ser defraudadas face a constrangimentos sociais ou institucionais. A desigualdade social e a ausência de poder, a pobreza e a exclusão, constituem claros impedimentos que devem ser combatidos. Precisamos de confiar mais uns nos outros, de estabilidade nas famílias e nos locais de trabalho. Precisamos de restaurar a confiança pública nas figuras de autoridade, no governo e nas instituições. É importante que confiem em nós, em cada um de nós, que nos respeitem, que nos reconheçam autonomia e capacidade de decisão. Devemos participar na vida da comunidade, no trabalho voluntário e nas actividades de lazer. Precisamos de conferir prioridade aos tais princípios éticos de decência na vida política e na sociedade em geral. Precisamos de mais humanidade na relação com o próximo. Talvez precisemos, todos nós, governo, jornalistas, cidadãos, de promover a educação cívica, a textura moral, a prática sistemática da empatia e o desejo de servir os outros, na procura de um bem comum. Leva tempo, mas vale a pena. Todos estes ingredientes deveriam contrariar a paranóia instalada.



Espaço
Das Escolas

Peso e Medida ¹

Paulo Providência *

A divisão entre arte e arquitectura (...) é uma expressão da pobreza da nossa civilização ².

A Residência de Estudantes do Pólo das Ciências da Saúde da Universidade de Coimbra, da arquitecta Paula Santos, evoca uma estratégia minimalista para o seu desenho; indagar sobre as propriedades da obra parte, então, da consideração dos propósitos e âmbitos do que se convencionou denominar por minimalismo na arte ocidental; uma estrutura realista em betão armado aparente (com a expressão exterior de topos de laje e panos de parede entre elementos estruturais), um privilégio da clareza de proporções e complexidade de forma (como se o carácter, em arquitectura, lhe fosse decorrente), um jogo de distribuição “quiasmático” e a consequente expressão volumétrica, um desnudamento dos topos nascente e poente do edifício (através de elementos metálicos, escadas de emergência, acessos de serviço às infra-estruturas), ou uma aplicação de cor no interior revelando uma oposição entre as duas faces do paramento, contribuem para uma percepção centrada na “presença” do objecto arquitectónico. Trata-se de encontrar, nos elementos básicos de uma edificação, razão suficiente para a emoção estética, e assim o elogio de um laconismo centrado na percepção imediata, ou como diz Donald Judd, introduzir a Arte no quotidiano.

Implantação e estrutura de ordenamento

Perante um plano de pormenor que lida com um território muito acidentado tentando criar plataformas niveladas para a implantação dos edifícios, a implantação

da Residência Universitária surge no seu extremo norte como que a rematar o conjunto, definindo um alargamento onde se encontram também uma cantina, uma capela pré-existente, e um dos acessos ao Pólo Universitário. A condição de mediação entre o aglomerado universitário e o sistema viário que o delimita e contém é particularmente pertinente na compreensão do edifício já que este articula as cotas do largo a sul com as da encosta a norte. Esta diferença de cotas permite uma percepção do edifício com dois pisos para sul e de quatro para norte, respondendo às escalas diferenciadas de aproximação pedonal e de uma outra viária, mecânica ou paisagística. E talvez seja precisamente a dupla percepção do mesmo objecto, de que parte o projecto; evitando um volume de quatro pisos que poderia provocar uma barreira, a estratégia de desenho lida com a deslocação de dois pares de pisos permitindo uma “aproximação” dos dois pisos superiores ao largo, e uma outra ao sistema viário a norte. Duas consequências: a possibilidade de criar um pátio de iluminação para os dois pisos inferiores, e a possibilidade de desmaterializar o volume, pelo recuo dos dois pisos superiores, na sua percepção de norte. Este engenhoso procedimento, a deslocação do “empilhamento”, é possibilitado pelo alinhamento do caminho vertical de infra-estruturas, tais como os elevadores, que comunicam tanto para sul (nos pisos superiores), como para norte (nos pisos inferiores) com os corredores de circulação e acesso desses pisos. À razão urbana e estética de deslocação no processo de empilhamento corresponde uma “ordem técnica”, pragmática e eficaz; a deslocação não é artifício de



composição exterior, mas razão interior, estrutura de ordenamento. E é esta deslocação que se constitui intensificação da razão topográfica de implantação. De resto, o projecto lida com o regramento do módulo espacial e seu correspondente estrutural, como que a dizer que não há separação entre estrutura física e estrutura espacial, ou que a razão estrutural é já desenho e intenção estética.

Materiais e significado

Para os minimalistas como Judd, Richard Serra ou Carl

Andre, a emoção é resultado da abstracção, ou antes é a abstracção que provoca a emoção estética; recusa, portanto, do narrativo, do simbólico, do adjetivado, da conotação; elogio, pelo contrário, da pura denotação, do material, da estrutura, do descritivo. Elogio da observação demorada, do deter-se na obra, de uma forma de contemplação que se detém na observação, da experiência da obra sem à priori; não há outro significado senão a própria presença, ou a sua percepção. E isto decorrente da máxima expressão com o mínimo de material, ou de esforço.



Assim, “a fenomenologia é a base da experiência”³. Talvez como na obra de Andre ou Judd, séries de painéis pré-fabricados alinham-se a configurar uma delimitação exterior. Estes painéis são intercalados pela presença de caixilharias em alumínio, elementos de ligação mas também de autonomia dos painéis. Textura alternada de brilhos e superfícies pré-moldadas no betão.

Os acabamentos interiores seguem a mesma lógica; as portas de acesso aos quartos rasgam os panos de parede que definem os corredores. Em projecto,

a continuidade dos elementos de iluminação difusa (em *up-lighter*), agregando as sinaléticas e equipamentos de emergência, assegura uma linha abstracta e contínua que confere unidade e carácter ao corredor. A mesma postura no desenho das grades e gradeamentos, onde barras verticais seriadas criam um ritmo homogéneo, e anónimo.

Os espaços de permanência colectiva são acentuados pela utilização da cor, permitindo orientação e diferenciação das unidades ou funções dentro de cada unidade, que compõem a Residência. A percepção,

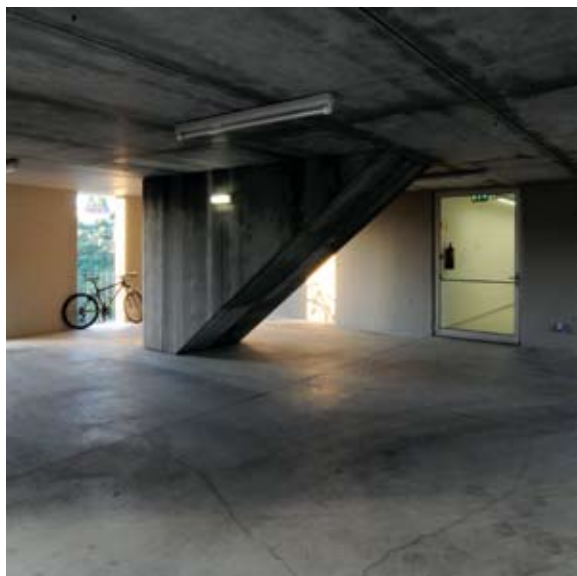


a partir do lado sul, acentua um volume de dois pisos assente sobre um banco ao longo da fachada. A escala do banco, que também é elemento de caracterização do largo, permite a leitura clara dessa fachada contínua (a estratégia de um banco como delimitação da plataforma, pode ser reenviada por exemplo, à Neue National Galerie de Berlim de Mies van der Rohe), elemento determinante da leitura da Residência.

No catálogo da exposição de Richard Serra, *Weight and Measure*, surge um conjunto de imagens sobre a exposição *The Hours of the Day*, realizada em Zurique em 1990⁴; grupos de visitantes circulam entre elementos de aço preto, que configuram paredes e um labirinto; a fotografia do espaço com a instalação, dado o carácter modular do tecto de onde surge uma iluminação difusa, aproxima-se fortemente das colagens de



Mies van der Rohe, onde paramentos ou elementos-parede configuram um espaço com propósitos mais plásticos do que funcionais ou construtivos; como que a dizer, tal como no pavilhão de Barcelona, que o exercício da arquitectura é uma poética de colocação espacial de elementos, com seus pesos e medidas, com seus valores de abertura ou encerramento (para a paisagem, para um pátio).



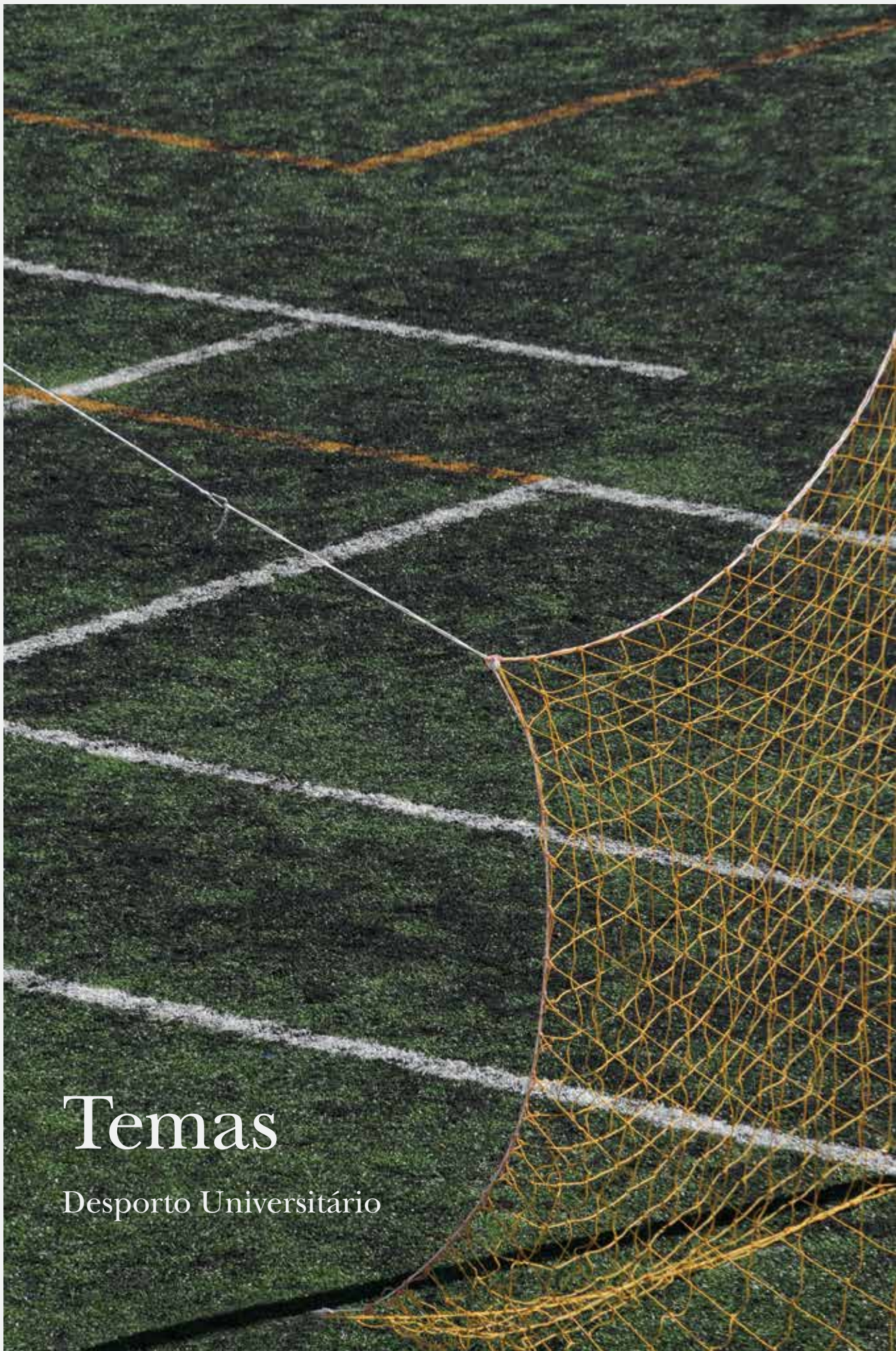
Conclusão

Daí a importância da manutenção da expressão do betão descofrado (e não pintado), do respeito pelo elementos de iluminação que integravam as infra-estruturas de sinalização de emergência (que não foi realizada), do respeito pelo desenho do Muro de Berlim (que não foi respeitado), pela manutenção do desenho do mobiliário de quarto (que sofreu alterações pontuais), pelo cumprimento da escala e espécies arbustivas prevista em projecto (que não foi cumprido), pelo banco no coroamento do muro no lado sul (que não foi executado), etc. Se, por um lado, a estratégia minimalista vive do detalhe, e o detalhe é fundamento do projecto, por outro, a falta de compreensão da obra no momento da sua execução, pode deturpar o resultado. Felizmente, no presente caso, a imponência e carácter do conjunto sobrevive à falência, inoperância ou falta de pertinência na realização da Obra.

Talvez a pressão pragmática, ou económica, dos processos de edificação não se coadunem com a pretensão artística, não negociável, da componente artística da arquitectura. Ou, como se refere em epígrafe, a “inevitável” divisão entre arte e arquitectura é, afinal, uma expressão da pobreza da nossa civilização.

* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

1. Referência a “Peso e medida”, in *Weight and Measure*, Richard Serra, Londres, Tate Galerie, 1992. | 2. Donald Judd, “Art and Architecture”, 1984, in *Donald Judd Architektur*, p. 189. | 3. Allen Leepa, “Minimal art and primary meanings” in *Minimal Art a critical anthology*, Ed. by Gregory Battcock, University of California Press, 1995. | 4. Richard Serra, *Weight and Measure*, Londres, Tate Galerie, 1992. p.74.



Temas

Desporto Universitário

Um ano de conquistas para a AAC

Um ano de vitórias

João Miranda

Não têm mais de 12 ou 13 anos. São ainda uns miúdos. Os joelhos de um mal ultrapassam a altura da bola. No entanto, possuem já todos os tiques de futebolista. Fintam e driblam a bola, não distribuem o jogo, o jogo é seu. Querem dar nas vistas. Afinal de contas, isto é um treino de captação. Durante uma boa meia hora percorrem o campo, ora para cima ao ataque, ora para baixo à defesa.

À volta do relvado, um treinador de atletismo tenta exasperadamente que os seus desportistas alcancem a marca estipulada no salto em comprimento, enquanto na pista, os seniores do futebol vão dando uma corridinha. Sem grande esforço. “- Então, não treinam? – Não... Já cumprimos os nossos objectivos”. Na bancada quase vazia, a maioria aproveita a sombra das sete da tarde e aquela brisa quente de Verão para descansar. Reina uma calma bucólica que só é interrompida quando, num acto de sorte (ou de grande destreza futebolística, diriam outros), a bola toca o fundo da rede. “Gooooooooo!” , festeja no alto do seu estatuto de estrela o pequeno jogador. O resto da equipa, com os coletes vermelhos a esconder as camisolas pretas, depressa se junta à festa.

E têm razões para celebrar. De resto, foi um bom ano para a secção de futebol, como, aliás, para quase todas as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra. Quem o diz é o próprio coordenador-geral do Desporto da Direcção-Geral da AAC, Rafael Ferreira: “Andei a fazer um balanço desportivo por todas as secções e 90 por cento delas diz que o ano tem sido positivo”. E as razões para o êxito são muitas, começando pela aposta na formação que têm desenvolvido desde o início do ano.

Antes de continuar, impõe-se fazer uma ressalva: “Não existe nenhuma diferença entre o desporto universitário e o desporto académico. Não existe, nem deve existir”, como ouvimos insistentemente em conversa com as fontes para o artigo. Só isso justifica que as vitórias nos campeonatos universitários sejam as vitórias da AAC. Que foram muitas este ano.

A equipa sénior de rugby, após se ter sagrado campeã da primeira divisão nacional, está de volta ao escalão principal da divisão de honra da modalidade. Também a equipa de ténis alcançou o pódio máximo do campeonato da segunda divisão.

Contudo, este ano, é a equipa sénior de basquetebol que os dirigentes mais congratulam. A chegada às meias-finais da liga portuguesa do fizeram divulgar o nome da equipa em todos os desportivos. “Estamos entre os quatro melhores a nível nacional”, ressalva Rafael Ferreira.

Mas não só de campeonatos se fazem as vitórias da AAC. A escolha de Coimbra para a realização do campeonato europeu universitário de ténis, em 2010, representa “um orgulho para a AAC e para a Universidade de Coimbra (UC) organizar um evento desta envergadura”, adianta o coordenador-geral, que deixa uma aspiração: “Espero que tudo corra bem, da melhor maneira, e que todas as equipas que venham cá participar, possam chegar ao fim e gostar das condições que vamos criar”.

Numa associação com mais de 120 anos, o trabalho nunca está completo e há sempre novas metas a atingir, “mas isso está a ser trabalhado internamente”. Por agora, a aposta na captação de novos jogadores vai continuar, assim como a difícil tarefa de seduzir os estudantes da UC a participar no desporto que também é seu.



Futsal da Académica no Europeu de Montenegro

Catarina Silva

Foi nos gloriosos anos de 2005/2006 e 2006/2007 que a Académica levou a Taça para casa. Após um 5.º lugar, no ano passado, que soube a pouco pelo afastamento ainda na fase de apuramento, este ano, com a equipa parcialmente renovada e um novo treinador, a equipa de futsal da Académica ressurgiu ao somar mais uma vitória. Com o Europeu à porta, chegou a hora da Académica brilhar.

Expectante é a palavra ideal para definir o estado de espírito da equipa de futsal da Académica. Após sagrar-se campeã da Liga Universitária, ao vencer a equipa do Minho, no dia 24 de Abril, no Pavilhão Municipal de Gaia, a equipa orientada por João Oliveira aguarda o próximo passo a que a vitória lhe permitiu aceder: a participação no Europeu de Montenegro Interligas, a realizar em Podgorica, entre 20 e 27 de Julho.

Ricardo Monteiro, responsável pela coordenação do Desporto Universitário, aponta a qualidade dos jogadores como factor decisivo para o resultado: “A equipa é constituída sobretudo por jogadores profissionais que jogam actualmente em equipas da 1.ª, 2.ª e 3.ª divisão, pelo que há um aumento do nível competitivo”. Para além de quatro atletas profissionais do Instituto João V e três da Académica, figuram no plantel dois campeões mundiais da Selecção Nacional de Futsal universitário, os guarda-redes João Mourão e André Sousa.

A motivação e o empenho dos jogadores foram também fulcrais no alcance do resultado, assim como a actuação do treinador João Oliveira e do treinador-adjunto, José Eduardo Tenente, ressalva Ricardo Monteiro. “Existem muitas condicionantes, é complicado juntar todos devido aos treinos exteriores, mas quando existe vontade tudo se consegue”. Vontade que leva a que, periodicamente, os jogadores se reúnam no Pavilhão III do Estado Universitário para mais um dia de treinos. “O que leva os estudantes a prescindirem do seu tempo livre para virem praticar futsal é o gosto pela modalidade”, evidencia Rafael Ferreira, coordenador-geral do desporto da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Já quanto ao trabalho de João Oliveira, Ferreira classifica-o de “bastante positivo”, ao reconquistar o título de campeão nacional e a oportunidade de rumar ao Europeu. João Oliveira é franco: “Não escondo que sonho com o pódio. A equipa merece-o pelo que tem feito”. Uma vez que a equipa atingiu o 9.º e o 5.º lugares em Europeus anteriores, o objectivo mínimo é conseguir um resultado superior. Como equipas complicadas, aponta a Ucrânia e a Sérvia. Dado que a fase de apuramento funciona com base nos três primeiros resultados e, consoante o número de vitórias, cada equipa é automaticamente remetida para a disputa do 1.º ao 4.º lugar, do 5.º ao 9.º e assim consecutivamente, a tarefa torna-se difícil, mas não menos desafiante. “Não conheço a realidade do Europeu, pelo que tenho estado a informar-me. Mas acredito que é possível conseguirmos atingir o objectivo”, reforça o técnico. Orgulhoso “pela oportunidade de trabalhar com atletas de alto nível” e “de fazer parte da equipa mais mística”, João Oliveira pretende dar continuidade ao projecto no próximo ano.



A responsabilidade de lançar um movimento desportivo

Eduardo Cabrita *

Todo o trabalho que pretenda implementar ou implantar outros conceitos, novas maneiras de estar, viver ou participar, percorre um trajecto nada fácil.

Desde a afirmação à concretização, várias são as gerações que o tempo conhece e que participaram no processo. Daí ser de bom senso compreender que a concretização de qualquer projecto faz parte de um belo e estranho colectivo, onde o rosto final não deixa de ser uma súplica de vontades, contradições, avanços e recuos; onde a vontade acaba por se sobrepor à delapidação da poeira, à força da inércia.

O Europeu Universitário de Ténis não foge ao trajecto. Vê-lo exclusivamente pelo prisma de uma candidatura ganhadora, suplantando toda a concorrência junto da *European University Sports Association* e a acenar ao ineditismo de, pela primeira vez na Europa, uma Associação de Estudantes ter ganho uma candidatura desta envergadura, não deixa de ser pouco, se considerarmos as linhas de força criadas por todos aqueles que antes e depois de Abril, lutaram e lutam pela implementação do desporto na Universidade de Coimbra (UC). O acontecimento em referência terá necessariamente de consignar o futuro, ao ser mais um contributo à implementação da causa desportiva universitária, ou não fosse a Associação Académica por uma Academia de causas.

Assim sendo, o acontecimento desportivo universitário de 2010 em Coimbra, não poderá ficar-se por um convívio competitivo de dimensão europeia. Terá de consubstanciar um conjunto de mais-valias desportivas que passam pela implementação da prática desportiva na comunidade universitária; de lembrar as carências existentes ao nível das instalações, preparando-as para essas e outras actividades que necessariamente surgirão, face ao incremento que certamente ninguém terá a coragem de travar (referimo-nos àqueles que preferem sistematicamente esperar em nome de um porvir que não chega, como se a espera *ad eternum*, trouxesse sabedoria ao processo); à capacidade de as secções entenderem a necessidade de possuir nas suas equipas, um maior número de estudantes universitários e em consonância com o regulamento do estudante-atleta da UC, já aprovado.

Ao conseguirmos construir a oportunidade adiada por uns tantos, colocando-a em 2010, quando dissemos que 2008 seria o ano de eleição, criámos a responsabilidade de lançar um movimento desportivo direccionado para os estudantes universitários e pelo qual tantos pugnaram; conscientes que, pela primeira vez, nunca foi tão grande a responsabilidade dos que possam dificultar.

* Director - técnico da Secção de Ténis da Associação Académica de Coimbra.

AAC alcança terceiro lugar na Liga Portuguesa de Basquetebol

A driblar para um futuro cada vez melhor

Andreia Silva

O mês de Maio ficará para a história do basquetebol de Coimbra. A equipa da secção de basquetebol da Associação Académica de Coimbra (AAC) conseguiu a melhor posição desde há 17 anos, ao alcançar o terceiro lugar na Liga Portuguesa de Basquetebol. Apesar da derrota por 83-69 frente ao Benfica, no quinto e decisivo jogo, a equipa comandada por Norberto Alves conseguiu uma boa prestação. Nas palavras de Luís Viegas, presidente da secção, o jogo foi “bastante complicado, mas a equipa veio de Lisboa de cabeça erguida. Era difícil fazer melhor e o grupo ficou muito orgulhoso”, sublinhando ainda que, sem o “trabalho notável” realizado pelo treinador, “difícilmente se teriam alcançado estes resultados”.

Este jogo foi o resultado de uma época muito positiva para a equipa da Académica. A disputar a Liga Portuguesa de Basquetebol, criada após a extinção da Liga Profissional, a turma de Norberto Alves acabou a fase regular em quinto lugar. Com as vitórias sobre o Vagos, nos quartos-de-final, que Fernando Sousa, capitão da equipa, declara terem sido uma “demonstração da qualidade da equipa”, chegaram às meias-finais. A vitória sobre o Benfica iria significar a passagem às finais, mas o regresso antecipado a Coimbra não significou uma desilusão. Segundo Norberto Alves, “para uma equipa que veio da segunda divisão, penso que não falhou nada”. Fernando Sousa acrescenta que, com o decorrer dos jogos, “a equipa começou a acreditar que seria possível obter um lugar melhor além da manutenção, que era o objectivo inicial”.

O sucesso da equipa soube ir além das dificuldades que a secção atravessa, tais como a falta de um espaço próprio para treinar e o orçamento reduzido. “A principal dificuldade é não termos uma casa”, sublinha o presidente da secção. Enquanto que a equipa sénior treina no Pavilhão Multidesportos, em Coimbra, as equipas de formação realizam os seus treinos em várias escolas secundárias da cidade. Luís Viegas explica que esse facto leva a que não haja “uma reunião de toda a família da modalidade e uma interacção entre os vários escalões”. Relativamente à questão financeira, o baixo orçamento faz com que a secção tenha de fazer “alguma ginástica na escolha de caminhos a seguir”, conta o capitão academista.

Um desses percursos escolhidos pela secção de basquetebol é, precisamente, a formação de novos atletas. A falta de dinheiro leva a que não tenham posses para a contratação de mais jogadores estrangeiros, pelo que a aposta na formação é uma prioridade. Para Luís Viegas, “a secção não quer só formar homens para a prática desportiva e estudantil, mas também unir esforços entre a AAC e a Universidade”. Tudo para que o basquetebol se assumia “como a principal modalidade em Coimbra”, reitera.

A relação da equipa com a cidade é, sobretudo, o mais importante. Sendo “a secção que mais tradição tem ao nível do desporto colectivo em Coimbra”, segundo Norberto Alves, surge cada vez mais a ne-



cessidade de captar a atenção dos habitantes da cidade. Na opinião do treinador, “as pessoas têm regressado ao basquetebol com os últimos jogos, porque gostam de seguir projectos com os quais se identificam”. E esse regresso passa também pelos mais novos. Com quase 200 praticantes da modalidade, a secção tem recebido cada vez mais jovens que querem jogar basquetebol. A driblar as dificuldades e a encestar cada vez mais vitórias, o futuro desta modalidade da AAC assegura-se promissor.



Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em www.uc.pt/antigos-estudantes

Rede UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra
Gabinete de Comunicação e Identidade
Universidade de Coimbra
Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
antigos-estudantes@uc.pt

A/C Eng. Isabel Gomes • Tlm: +351 96 44 53 222

REDE
UC
REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

www.coimbraeditora.pt



AB VNO AD OMNES

Coimbra Editora

LIVRARIA FERREIRA BORGES
Rua Ferreira Borges, 77
Coimbra

LIVRARIA AAC - COIMBRA
Rua Padre António Vieira
Edifício AAC
Coimbra

LIVRARIA CHIADO - LISBOA
Rua Nova do Almada, 90
Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA - LISBOA
Centro Comercial Arco-Iris
Av. Ilídio Diniz, 6 A
Lisboa

LIVRARIA FDL - LISBOA
Faculdade de Direito da
Universidade de Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA DO PORTO
Rua Cândido dos Reis, 81
Porto

LIVRARIA FDP - PORTO
Faculdade de Direito da Universidade do Porto

ALMEDINA

70

ACTUAL EDITORA

De Especialistas para Especialistas

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

T2: Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

T3: Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC www.uc.pt/antigos-estudantes, ou pela Internet em www.uc.pt/rualarga.

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



Parceiro: As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



Aliado: As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em www.uc.pt/gats



Apoios Institucionais



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia



Apoios



Museu da Ciência
Laboratório Químico
Largo Marquês de Pombal
3000-272 Coimbra
T 239 85 43 50
F 239 85 43 59
www.museudaciencia.pt
geral@museudaciencia.pt



MUSEU DA CIÊNCIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DARWIN $\frac{150}{200}$

ABRIL A DEZEMBRO DE 2009
EXPOSIÇÃO E CONFERÊNCIAS